Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



GINGER ROGERS
«Béguin» universal, a vedeta da Rádio-Filmes triunfa em «Sombras da Rua» e voltará a triunfar na comédia «A Sorte Grande»

2.ª SÉRIE — N.º 5 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 9 DE DEZEMBRO DE 1940 — PREÇO: 1$50

as estreias do Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHES CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA

A SONORO-FILME
apresenta
«REBECCA»
dirigida por ALFRED HITCHCOCK

Adaptação cinematográfica de *Robert E. Sherwood* e *Joan Harrison*, segundo o romance de *Daphne Du Maurier*

Personagens:

Máximo Winter	LAWRENCE OLIVIER
A Senhora Winter . . .	JOAN FONTAINE
Jack Favell.	GEORGE SANDERS
A governanta	JUDITH ANDERSON





Rebecca Winter morreu vítima da sua paixão pelo mar, ao naufragar o pequeno «yacht» que ela, sòsinha, corajosamente dirigia. O velho solar de Manderley, nas Carnualhas, cobre-se de luto; e aqueles que alguma vez a conheceram choram hoje amargamente a sua perda.

Máximo (Lawrence Olivier) parece sofrer sincera dor com a perda da sua mulher; ao abandonar pouco depois a Inglaterra, deixa atrás de si a dúvida de que possa vir a esquècer-se da encantadora e bela Rebecca.
Um dia em Monte Carlo...

...encontra-se com uma rapariga nova, despretenciosa, que é dama de companhia duma americana rica. A simplicidade dela atrai-o, a sua beleza também. Ei-lo de novo casado. Como a senhora Winter (Joan Fontaine) se sente feliz, junto do marido, a caminho de Inglaterra!







A senhora Winter, aquela rapariga?! Não! A senhora Winter é *a outra*, a que deixou parentes e criados saüdosos do encanto e da distinção que dela emanavam. Não é agradável o ambiente que a noiva encontra no velho solar de Manderley.

É certo que encontra carinhoso amparo em Máximo, que continua a amá-la com veemência; mas mesmo êste parece sofrer por vezes a influência daquela sombra... Isso leva-a a ter ciumes e, se não fôsse uma explicação decisiva do marido, certa intriga...

...forjada por Jack Favell (George Sanders), primo de Rebecca, levá-la-ia ao desespêro. Jack, por um interêsse inconfessável, aproveita-se de certos indícios comprometedores, para acusar Máximo de ter assassinado a sua primeira mulher.







A justiça vê-se obrigada a intervir. Abre-se um inquérito preliminar, as testemunhas desfilam perante o investigador e, enquanto as presunções vão recaindo sôbre o marido, a senhora Winter abraça com fé a causa da sua inocência.

Jack Favell não pára na sua obra: acumula provas, insinua o propósito do crime, historia os antecedentes. Eis senão quando surge na pessoa dum médico a revelação da verdadeira causa da morte de Rebecca!
E Máximo é mandado em paz.

Ao aproximar-se de Manderley, Máximo depara com o seu solar a arder. Corre como louco e só descansa quando sabe que a senhora Winter está salva. Nas labaredas apenas se consumiu o pesadelo do passado. Rebecca *volta a morrer* — desta vez para sempre.

(Texto de António de Carvalho Nunes)

2.ª série — N.º 5 — Prêço 1$50
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória: R. do Alecrim, 65. Tel. 2 9856 Composto e impresso nas Oficinas de O JORNAL DO COMERCIO E DAS COLÓNIAS, R. Dr. Luiz de Almeida e Albuquerque, 5 NEOGRAVURA, LIMITADA, T. da Oliveira, à Estrêla, 4-6

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTONIO LOPES RIBEIRO

9 de Dezembro de 1940
PREÇOS DA ASSINATURA
Ano .... 78$00
Semestre .... 39$00
Trimestre .... 19$50
Distribuidores exclusivos:
EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Tel. P. A. B. X. 2 7507) — Lisboa

JOSEPHINE BAKER e MURAT a contas com os nossos redactores

Josephine Baker passou em Lisboa há alguns meses, de regresso da América do Sul, onde andara em longa e brilhante digressão pela Argentina e pelo Brasil, à frente da sua própria companhia.

— Não conheço Portugal — dizia-nos ela então — mas adoro o Brasil! E como todos me dizem que portugueses e brasileiros são parecidos como irmãos...

Se ressemblent comme des frères, era a sua frase exacta, em que os érres tinham o brando rolar que lhe dão os americanos do sul. Porque Josephine nasceu em São Luis de Missouri, lá onde se estendem, como neve, os campos de algodão, e os negros cantam e dançam as mais insinuantes cantigas dêste mundo.

sil; saltaria fugidiamente em Lisboa foi fugidia, entre um paquete e um expresso. Nem teve tempo de desfazer as malas, cheias daquela roupa cara de sêda leve que assenta tão bem sôbre a sua pele, suave e unida como a própria sêda.

Desta vez, Josephine preparava-se para repetir a proeza, em sentido inverso. Ia a caminho do Brasil; saltaria fugiadamente em Lisboa, entre um expresso e um paquete...

Mas haviam acontecido, entre as duas passagens meteóricas da «estrêla» nesta mui nobre e leal cidade de Lisboa, muitas coisas e coisas muito graves. A nova guerra arrancara-a ao seu Paris, à sua vivenda de Auteil. Viera, como tantos outros franceses, com o filhito ao colo, até o sul da França.

Depois do armistício, não voltara a trabalhar. E decidiu regressar à terra brasileira, que tão bem a havia acolhido e aplaudido.

O destino, porém, tinha as coisas escritas doutra maneira no seu famoso livro...

UMA CONSTIPAÇÃO BEM PORTUGUESA

Quando telefonámos para o Aviz, disseram-nos que Josephine estava de cama. Nada de grave. Uma daquelas tremendas constipações à portuguesa, que a transformaram num bichinho escurito e friorento, fungando entre lençóis macios.

Mas Josephine Baker é uma autêntica senhora: agradecera meia hora depois, pelo telefone, com uma pontualidade e uma gentileza tocantes, as flores que lhe foram enviadas. E, no entanto, Deus sabe quantas mais e quanto mais belas flores lhe têm mandado, desde que transpôs, num salto de gigante, a distância que vai do quinto lugar da *Revue Nègre*, de passagem no Teatro dos Campos Elísios, à cabeça do cartaz das Folies-Bergère!...

E Josephine é uma autêntica vedeta: mesmo doente, sabe que tem que sacrificar à curiosidade sempre igual dos redactores e dos fotógrafos as suas conveniências particulares. Sabe que tem de pagar o largo tributo que deve à imprensa, por tê-la sempre acarinhado, desde a primeira hora, pràticamente sem excepções. E como Josephine é a gentileza personificada, fá-lo da melhor vontade, risonha sem artifício, afável sem afectação.

A ORIGEM DAS BANANAS

«Animatógrafo» conhecia, em todos os seus pormenores, a história deliciosa que marcou o comêço duma das carreiras mais brilhantes do «music-hall». Mas seria picante ouvi-la confirmala pela própria Josephine, quinze anos depois, para o contar de novo aos nossos leitores.

Essa história é tocante, e prova melhor que qualquer outra de que oiro puro é feito o coração da artista.

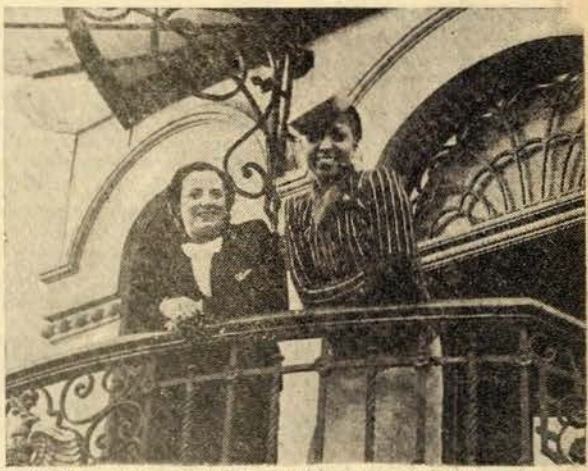
Em 1925, André Daven e o seu sócio sueco mandaram vir da América do Norte, à confiança, uma companhia de músicos e bailarinos negros, destinada a incutir em Paris, então indiscutível capital da Europa, o gôsto pelo jazz.

Os negros chegaram e fizeram a sua exibição demonstrativa. Calamidade!... Talento, tinham êles. Sapateavam à maravilha, requebravam-se com frenesi, sincopavam na perfeição. Louis Douglas era, sem dúvida, um «tap-dancer» excepcional, e o bando de negrinhas, muito novas, muito frescas, lembrando passaritos escuros, poderia interessar um ou outro espectador. Mas tudo aquilo era tão novo e tão «fora dos hábitos», apresentado com tão ingénua simplicidade, que os não-iniciados (que eram, a êsse tempo, todos os europeus), não poderiam experimentar a sensação dum verdadeiro espectáculo. Os artistas negros apresentavam-se com os seus típicos trajos remendados, os seus chapéus de palha esfarpados, as suas camisas de flanela de côr. Tudo muito «pobre», para a concepção parisiense do «music-hall».

Foi então que Jacques Charles, primeiro colaborador da emprêsa, reparou numa garota de olhos enormes e cabelo alisado «à rapaz» que estava misturada com as demais negritas. E pensou que o seu corpito esbelto, que se adivinhava, deveria ser agradável de ver, desengonçando-se naquelas danças excêntricas. E teve, como num relâmpago, esta idea de génio: o único trajo que apresentaria seria uma tanga de bananas!

PARA VALER AOS CAMARADAS...

Mas surgiram dificuldades: a negrinha negava-se terminantemente a exibir-se quási nua. O seu pudor, autêntico, revoltava-se. O seu pudor — e o seu legítimo orgulho. Entendia que a sua arte de dançarina deveria bastar para a impôr, um dia, quando saísse da fileira...



Josephine Baker e a jornalista portuguesa Fernanda Reis, na varanda do Hotel Aviz

Mas Daven achara boa a idéia de Jacques Charles, que então se impunha como autoridade, pois encenava todas as revistas de Henri Varna, no Casino de Paris, conseguindo êxitos sôbre êxitos. Intransigente, ameaçou de recambiar todo o grupo para os Estados Unidos, com a negrinha vestida — mas sem contrato...

Os companheiros e as companheiras da menina que se negava a exibir-se em pêlo, ficaram aterrorizados. A perspectiva não era, de facto, animadora. Procuraram convencê-la, imploraram, garantiram-lhe que a sua recusa ia fazer aluir um mundo de esperanças...

E então revelou-se o quilate do metal de que era feito aquele coração, sensível como um guiso de oiro: acedeu, sacrificou-se, para salvar os camaradas!... Consentiu em exibir-se como Deus a deitara ao mundo, apenas adornada por aquele estranho «cache-sexe».

Mas o destino foi generoso, e recompensou règiamente aquele lindo gesto: a «Revue Nègre» alcançou um triunfo sem precedentes. E Josephine Baker — porque era ela, claro está — guindou-se dum dia para o outro ao pináculo da fama.

Como que para reagir aos seus escrúpulos de mulher, Josephine entregou-se perdidamente ao género que lhe impunham. Com o génio rítmico próprio da sua raça, inventou as atitudes mais cómicas, os passos mais excêntricos. Entortava os olhos, reunindo-os junto ao nariz, num estrabismo convergente de efeito irresistível. Espetava o dedo indicador, e apontava-o à fronte, onde empastara o cabelo com tanta brilhantina, que o alisava por completo. Contorcia o trazeiro e atirava com as pernas, num passo de «charleston» diabólico, que agitava doidamente as bananas doiradas que lhe pendiam da cinta, conseguindo efeitos espantosos...

Da «Revue Nègre», onde, a-pesar-do êxito, não figurava como vedeta, Josephine Baker pulou para as Folies-Bergère, encimando um elenco de revista nova, posta com um luxo incrível, e de que tivemos ocasião de assistir à «première», servidos pelo acaso duma passagem por Paris.

Josephine Baker não só estava lançada, como o lugar que conquistara (não só pelo seu belo sacrifício, como pela sua arte originalíssima, verdadeira criação revolucionária) era dos de lavar e durar, pois Josephine ainda hoje mantém a sua posição e a sua «classe».

JOSEPHINE VAI TRABALHAR NUM PALCO LISBOETA!

Tudo isto nos confirmou, com a sua voz «gouailleuse» e arrastada, de que ela tira tão bom partido quando canta, a linda rapariga do Missuri.

— Foi tal e qual assim, «Animatógrafo». Vocês são terríveis! Sabem coisas que não deviam saber...

— Mas tudo isto lhe fica bem, por ser verdade, por não ser adôrno de biografia fantasista...

— Detesto tudo o que não é verdadeiro, nem espontâneo. (Esta afirmação dá bem o tom da verdadeira alma de Josephine). Desde que me habituaram a exibir-me com a simplicidade que só o nu pode dar, é sempre um sacrifício ter que empenachar-me com plumas que custam milhões.

— Teremos finalmente ocasião de

(Ler continuação na página 14)

FERNANDO FRAGOSO entrevista JEAN MURAT

MURAT será o protagonista do primeiro filme americano de RENÉ CLAIR?



Este retrato de Jean Murat foi oferecido pelo grande actor francês ao seu entrevistador de agora, quando se dirigia pela primeira vez à América do Sul, em missão oficial de propaganda do cinema francês

Jean Murat considera-se já «cidadão honorário de Lisboa». Os seus filmes trouxeram-no ao nosso país, onde aliás começou a sua carreira, nos bons tempos dos *Olhos da Alma* e da *Fonte dos Amores*. Portugal encaminhou os seus primeiros passos no cinema. E Lisboa viu-o, depois, actuar, em plena glória, nas ruelas estreitas da Mouraria, quando a «équipe» da Ufa veio realizar as duas versões de *Estupefacientes*.

Mais tarde, pela mão de Pierre Chenal, a bordo dum veleiro elegantíssimo, Murat voltou a fazer escala pela capital, quando, no Tejo, se filmaram os exteriores de *Les Mutinés de l'Elseneur*. Na sua longa carreira de grande actor, Jean Murat tem quatro filmes realizados, no todo ou em parte, em Portugal. Essa circunstância, aliada à natural despretenção do galã francês, e o seu amor a Portugal e à nossa gente bastam para justificar a simpatia e o interêsse, que ainda hoje se verifica em redor da figura do inolvidável intérprete de *O Senhor Director*, que foi, incontestàvelmente, há alguns anos o galã mais querido das plateias portuguesas.

Jean Murat que vimos, ainda há pouco, regressar da América, confiante na vitória francesa — e que entrevimos, mais tarde, no Estoril, a caminho de Hollywood, acabrunhado pela tragédia da derrota — está novamente, entre nós. Regressa a França, concluída a missão oficial de que se desempenhou, desolado com o conjunto de circunstâncias que tornaram uma viagem de meses absolutamente desencorajante e inútil.

Pela segunda vez, com efeito, o galã de *Dois num automóvel*, percorreu grandes cidades da América do Sul, numa viagem de propaganda do cinema francês. Estabeleceu acôrdos, desbravou mercados, conquistou para os filmes de Além-Pirinéus melhores posições.

—«E tudo para quê?!» disse-nos êle, desanimado! «Tão cêdo, não lhes poderemos mandar um filme, que seja».

MURAT E RENÉ CLAIR

Poucas semanas antes de se dar a invasão alemã, quando a França supunha, que a guerra se limitaria ao «cómodo» e improficuo duelo entre as linhas Maginot e Siegfried, a Imprensa Cinematográfica levava a bom termo uma campanha pro-reatamento da produção cinematográfica, que a mobilização havia paralizado por completo.

René Clair que deixara, em Londres, um filme em meio, e que pusera de parte, a ideia de concluir *Air Pur*, trabalhava afanosamente num novo «scénario», e contava com Jean Murat para o principal papel. Os acontecimentos, porém, precipitaram-se. Após a «débacle», veio o êxodo. Renè Clair tomou o rumo da Cinelândia. E assentou em que Murat iria ter com êle a Hollywood, finda a missão que se propunha cumprir.

De facto, assim aconteceu e, em princípio, parece poder afirmar-se que o actor francês desempenhará o principal papel do novo filme de Renè Clair, realizado em Hollywood. Murat, porém, em primeiro lugar, quere dar conhecimento às autoridades francesas do resultado da sua viagem, e é possível que depois retome o caminho da América, com aquele fito.

Devemos advertir lealmente os nossos leitores de que Jean Murat não nos disse palavra sôbre êste assunto. Nunca foi tão difícil, como no momento presente, a missão do jornalista. Quási todos os entrevistados, dada a delicadeza da situação internacional, agravada no caso da França, fogem a fazer declarações, que, directa ou indirectamente, possam ser interpretados como uma atitude política ou como a definição de posições. Josephine Baker, quando, em representação dum jornal diário, a procurámos para uma entrevista, dizia-nos, pelo telefone, entre receosa e esquiva! «Nada sei que vos interesse... E depois Vv. têm a mania de misturar a política com a arte»... E foi só com a declaração prévia de que não faríamos qualquer pregunta que, de perto ou de longe, pudesse ser interpretada como alusiva à situação internacional, que a célebre vedeta acordou em receber-nos.

No caso de Jean Murat garantimos entretanto, a autenticidade do que deixamos dito acima. É uma inconfidência, que o simpático galã nos relevará. O jornalista não tem a obrigação de guardar segrêdos — sobretudo quando está em jôgo o interêsse dos leitores.

E e em obediência, ainda, a êste preceito, diremos que o próprio Murat declarou a alguém, que Renè Clair se encontra extremamente entristecido com o facto do govêrno de Vichy lhe haver imposto a perda da nacionalidade. Renè Clair dirigiu ou vai dirigir uma exposição às autoridades francesas, e tem uma ardente fé de que, como tanto deseja, lhe será levantada a pena, uma vez que, em seu entender a maneira como procedeu nada tem de condenável.

«O DITADOR» E «FANTASIA»

Jean Murat falou-nos de dois filmes, que viu em Nova-York: *O Ditador*, de Charlie Chaplin, e *Fantasia*, de Walt Disney.

A obra de Charlot, em conjunto, decepcionou-o. O filme tem, certamente, momentos extremamente *réussis*, mas é desigual. Para esta impressão, deve contribuir o facto de *O Ditador* ser um filme de circunstância.

Fantasia, de Walt Disney, é um deslumbramento. Não tem parentesco algum com as obras precedentes do criador de *Branca de Neve*. É a ilustração visual de trechos musicais célebres. São cinco ou seis «sketchs» que «interpretam», por assim dizer, as melodias que uma grande orquestra executa, melodias essas, em geral, no ouvido do público, como por exemplo, a *Avé Maria*, de Gounod.

A parte musical, cuja direcção pertence a Stokowsky, foi cuidada ao máximo. O som, registado por um processo especial, é a quinta-essência da pureza e da excelência da reprodução. A sala que projectou *Fantasia*, fez uma instalação suplementar de alto-falantes, espalhados por todos os cantos, que custou a bagatela de 6.000 dólares! Mas o resultado obtido pode considerar-se surpreendente!

— O cinema não morre, conclui Jean Murat. Renova-se, constantemente!

FERNANDO FRAGOSO

NOTÍCIAS FRESCAS DO BRASIL!

FERNANDO BARROS casou-se, e vai realizar um filme com AQUILINO

Fernando de Barros que, desde a «Canção de Lisboa» luta por um lugar no cinema, sempre subindo e sempre aprendendo, trabalhando na quási totalidade das fitas sonoras feitas em Portugtl, Fernando de Barros que há anos foi de longada a França aprender a trabalhar e, há cêrca dum ano, embarcou para o Brasil com Aquilino Mendes, onde Chianca de Garcia os chamara para trabalharem em «Pureza» — mandou-nos notícias frescas. Frescas e felizes.

Fernando de Barros casou. Casou com uma senhora americana. E por isso a redacção de «Animatógrafo» em pêso manda-lhe, daqui, um abraço de parabens e votos de felicidade.

Fernando de Barros que actualmente trabalha como assistente de Chianca de Garcia na realização duma comédia com a actriz Dulcinia, logo que acabe estas filmagens, vai realizar um filme com fotografia de Aquilino Mendes.

O argumento é tirado nada mais nada menos que de «Mar Morto» de Jorge Amado um dos mais célebres e discutidos romances do Brasil. Foi Fernando de Barros também que fez a adaptação cinematográfica da obra. Aquilino já neste momento se encontra na Baia a filmar alguns exteriores da futura produção.

Por todos os motivos nos é grato aqui registar que o trabalho dos nossos compatriotas prossegue em terras de Santa Cruz e com uma curiosa intensidade. O facto de logo a seguir a «Pureza» novos contratos surgirem revela, nitidamente, que o seu trabalho caiu no agrado dos produtores, o que aliás não nos espanta sabendo como sabemos, as qualidades que um e outro possuem.

Realizando um filme Fernando de Barros dá corpo a um velho sonho de sua carreira. E vai fazê-lo com a adaptação duma obra literária de categoria o que, também implica responsabilidades. Do seu conhecimento da actividade dos estúdios, da sua paixão pelo trabalho cinematográfico e da experiência adquirida na realização de alguns bons documentários e, ainda, do facto de ter ao seu lado a câmara segura de Aquilino, seu amigo e companheiro de tantos trabalhos, Fernando de Barros arranjará tudo o necessário para estar à altura do seu momento.

PANORÂMICA

■ Chagas Roquete †

Não acreditamos que haja cinéfilo que não soubesse de cor o nome dêsse grande homem de bem e grande humorista que faleceu na segunda-feira última. Nas legendas de entrada de quási todos os filmes da Metro-Goldwyn--Mayer, de há onze anos para cá, o nome de Vitório Chagas Roquete — V. Chagas Roquete, como êle gostava de escrever — vinha no seu lugar, impresso pelas positivadoras de Hollywood (facto de que êle tirava um orgulho muito especial), junto aos nomes do realizador, do decorador, dos cenaristas, dos operadores, de todos os técnicos e artistas que haviam colaborado no filme, permitindo ao nosso público admirá-lo aqui na mesma forma em que fôra exibido na origem.

E o papel de Chagas Roquete era, para o nosso público, um papel essencial nessa colaboração: era êle o autor das legendas sôbre-impressas que esclareciam completamente o entrecho, que conseguiam mesmo, graças a uma técnica dificílima em que se revelara um autêntico mestre, fazer com que cada espectador acompanhasse inteiramente o diálogo estrangeiro, em todos os seus cambiantes, tal como se entendesse à perfeição a língua inglêsa.

Ainda agora pudemos admirar a perfeição por êle conseguida. As legendas portuguesas de «Ninotchka» são, na realidade, uma obra--prima do género, tanto mais para admirar, que Chagas Roquete as escreveu, como escreveu tôdas as outras, *sem ver o filme a que se destinavam*, guiado apenas por uma lista de diálogos e um resumo da planificação.

Mas não foi apenas no cinema que Chagas Roquete alcançou uma posição meritória. No teatro e no humorismo, Chagas Roquete correu parelhas com Ernesto Rodrigues e André Brun, também já falecidos, constituindo com êles um triângulo de boa graça e agudíssimo espírito, cujas tradições não andam, hoje, muito bem paradas... Citam-se fàcilmente, de Chagas Roquete, «O Senhor Roubado» e «Dona Perpétua que Deus haja», além do graciosíssimo «Sherlock», feito de colaboração com êsse outro grande humorista e poeta admirável — ainda vivo, graças a Deus! — que é Acácio de Paiva. Mas não vimos citar, nas breves notícias necrológicas que lhe concederam os jornais diários, «A Sonata» que é, para nós, a sua melhor obra.

O seu talento de dramaturgo servia-o admiràvelmente na arte difícil de condensar longas frases faladas em curtas linhas escritas. E a par de dramaturgo, foi um cronista notável, que deu ao «Século da Noite» e à «Ilustração Portuguesa» algumas das suas melhores colunas.

Chagas Roquete morreu no mesmo dia em que se encerraram solenemente as Comemorações Centenárias. Para um português e para um artista como êle, não poderia haver dia melhor para morrer!

«Animatógrafo» não fala de Chagas Roquete para cumprir um penoso dever de circunstância. Lembra-o, saùdosamente, porque muito o estimou e admirou.

■ O Fim das Comemorações

Terminaram as Comemorações. Mas o cinema, como já dissemos, usou dos seus segredos mágicos para reter os aspectos mais brilhantes dessa Festa, em que tôda a Nação cantou, pela voz dos Chefes e pela voz do Povo, os seus oito séculos de história.

Em imagens e em som ficaram perpetuadas essas jornadas de vitória — vitória de paz nacional sôbre um fundo de guerra estranha — desde a oração prègada pelo Patriarca de Lisboa da varanda da Sé Metropolitana até à ressurreição lírica do Teatro de São Carlos.

Terminada a festa viva, — guarda-se e pode repetir-se indefenidamente a festa mecânica.

Se isto não bastar para convencer os cépticos soturnos de que o cinema é uma coisa bela e necessária — amanhã mesmo acabamos com o «Animatógrafo» e arrendamos uma leitaria.

CINÉFILOS, PRECISAM-SE!

Ao apêlo de «Animatógrafo», toque de reünir lançado aos quatro ventos do nosso breve mundo cinéfilo, continuam a acorrer, com uma regularidade surpreendente, os mais diversos e imprevistos entusiastas. A lista dos primeiros cem sócios do «Clube do Animatógrafo», que publicaremos logo que o espaço no-lo permita, vai interessar certamente pelo matiz das profissões que a compõem. Ao lê-la, não pode restar a mais ligeira dúvida a ninguém de que o cinema é o espectáculo universal por excelência, o mais eclético, o mais susceptível de interessar os que se ocupam das coisas mais dispares, — e, acima de tudo, aquele que mais desperta e incita entusiasmos.

E não apenas, como o êxito da iniciativa o demonstra cabalmente, o entusiasmo juvenil, quási infantil, dos noviços, mas o entusiasmo sério daqueles para quem a vida já se define nos seus verdadeiros contornos, e continuam a «folhear» o cinema como um livro de contos de fadas para gente grande, repleto de estampas de maravilha. Há médicos, advogados, professores, funcionários públicos, operários, escritores, comerciantes, industriais inscritos desde a primeira hora! E todos êles, com a mesma seriedade com que tratam correntemente as outras coisas sérias, com dignidade absoluta, sem aquele mesquinho mêdo ao ridículo que não nos cansamos de troçar — porque é o ridículo mais risível, e o mais cobarde! — nos declaram, num tom que não admite dúvidas, o ano em que começaram a freqüentar o cinema por amor ao cinema, — a ser cinéfilos, enfim!

Alguns, ao inscreverem-se, perguntam-nos qual é a cotização que lhes vai ser exigida. Consoladora confiança! E também é consolador poder dar--lhes, aqui, esta resposta: nenhuma. O «Clube do Animatógrafo» é inteiramente gratuito. Basta, para pertencer ao Clube, enviar-nos um postal (de preferência a uma carta, o que ainda torna menos dispendiosa a inscrição), onde venham, em letra bem legível, o nome, a profissão, a morada e a declaração, feita de boa fé, de que o signatário freqüenta o cinema há mais de dez anos, isto é: assistiu, pelo menos, aos primeiros filmes sonoros exibidos em Portugal.

É tudo? Para pertencer ao Clube, não se pede mais nada. Mas os sócios do «Clube do Animatógrafo» têm, evidentemente, outros «deveres». Dêles, o mais elementar, é freqüentar com a possível assiduïdade os cinemas, que exibem um espectáculo particularmente caro (embora muita gente imagine o contrário), e que só pode viver e desenvolver-se pela freqüência do público. Compete-lhes ainda fazer a propaganda do cinema, por todos os meios, defendendo os bons filmes, os melhores filmes (que nem sempre são os mais favorecidos pelo êxito chamado «comercial»), para que se eleve o gôsto das plateias, animando produtores e distribuïdores a seguirem um caminho cada vez mais nobre e mais digno da sétima arte. Depois — parece-nos elementar que comprem e divulguem «Animatógrafo», que é o seu «órgão», o seu jornal...

Mas, como em todos os Clubes, aos «deveres» contrapõem-se os «direitos». Um dêles já lhes ficou assegurado esta semana: nas festas do «Animatógrafo», os sócios do Clube recebem em casa, pelo correio, os seus bilhetes, dois para cada um. E outros virão depois, na altura própria.

Há quem nos sugira a criação duma sede, com salas e poltronas, e livros, e jornais... Parece-nos bastante cêdo para pensar nisso. O nosso «clube» é um clube diferente: é um clube «político», cuja política será — a política do bom cinema. Não tem pretensões de aparato social; só pretende ser, num meio escasso em afirmações claras, uma clara afirmação de fé no cinema e nos seus destinos. Quere ser um «clan», unido e forte, não de fanáticos, de energúmenos, mas de admiradores serenos e clarividentes duma arte que, para nós, já não tolera discussões de princípio.

Escrevem-nos os cinéfilos mais novos, não revoltados, mas lamentando que o «Clube do Animatógrafo» não os abranja também. Asseguram, com palavras vibrantes, o seu entusiasmo, em nada inferior — garantem — ao da «velha guarda»...

Tenham paciência, embora a impaciência seja a vossa mais admirável qualidade! Há-de chegar também a vossa vez. Os «antigos» merecem, não direi mais atenção, nem mais carinho, mas o respeito devido à sua «hierarquia» de pioneiros. Para vocês, cinéfilos recentes, o cinema nem sempre é aquela maravilhosa máquina de sonho que é para nós. É simples passatempo, diversão fácil, — quando não simples pretexto para faltar às aulas... E nós queremos que o cinema seja para vocês mais alguma coisa do que isso, porque o é na verdade. Queremos que o tomem a sério, como merece.

Os grandes êxitos registados nesta temporada provam que o cinema precisa de cinéfilos, não para encher as salas, — que se enchem, por assim dizer, automàticamente, pela própria fôrça do espectáculo — mas para que o tornem melhor, apreciando-o melhor.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

A PÁGINA DOS NOVOS

Aqui tem, Silva Brandão!

Dum leitor de Lisboa, A. Silva Brandão, recebemos logo depois do primeiro número uma longa e bela carta onde nos dizia, com muita simplicidade e firmeza, a sua satisfação por ver surgir «Animatógrafo». Dela vamos transcrever alguns trechos, particularmente significativos:

Conseguiu V. reünir em «Animatógrafo» tudo o que o cinema português tem de bom. Teve ainda «Animatógrafo» o condão de reaparecer no momento em que mais desejávamos uma revista de cinema. E nesse «desejávamos» incluem-se todos os cinéfilos — não cinemaníacos ou cineasnos — cinéfilos pelo cinema, cinéfilos que numa ânsia enorme de cultura espiritual procuram no cinema o seu melhor esteio, o seu mais profícuo auxiliar. E êsses somos nós, aqueles que, sem fazer parte do grupo que V. conseguiu reünir, que nunca aparecemos na luta travada pelo progresso e engrandecimento do cinema nacional, nem por isso amamos menos o cinema.

E porque não aparecemos? Quantos o desejaríamos ter feito. Nem falta de audácia, nem falta de convicção, mas antes a carência dum estímulo, carência de ambiente.

Não se triunfa sem luta. Mas essa luta só existe, quando existem possibilidades de encontro, de polémica. Quem nos deu essa possibilidade?

E Silva Brandão apresenta-nos um alvitre, que justifica com razões excelentes:

Porque não abre «Animatógrafo» um cantinho para os novos? Cantinho onde o trigo se separasse do joio, onde, sem petulância, todos os que têm talento pudessem demonstrar as suas qualidades de observação e sentido crítico.

Teríamos assim o cinema apreciado de fora, sem conhecimentos técnicos, talvez, mas nem por isso menos úteis pela qualidade dos assuntos que se poderiam levantar.

Quantos valores apareceriam? Não sei. O que sei é que se torna necessário a vinda de elementos novos, não para render uma guarda, ainda plena de qualidades, mas para o engrossar das fileiras dessa cruzada magnífica.

Aqui tem o seu «cantinho», Silva Brandão. Como vê, não caíu em saco rôto, o seu alvitre. Pensamos como você:

«O cinema português não pode ser o que o teatro tem sido — porta trancada — tem de ser antes pertença de todos os valores, tem de receber as ideias de todos os moços talentosos desta terra.

Garanto-lhe que assim será, enquanto nos couber o lugar de... guarda-portão!

O elogio de PAUL MUNI

E' um prazer ver Paul Muni trabalhar!

Dificilmente se esquecerá aquêle ar sóbrio, inteligente, aquela fôrça de vontade que êle consegue dar às personagens que incarna e cuja galeria é das mais difíceis.

Ninguém pode negar que êle é um dos maiores artistas do cinema, senão o maior, porquanto se adivinha a sua honestidade profissional quando trabalha. Vê-se logo que Paul Muni foge à regra dos restantes actores, embora os outros, quero dizer alguns, tenham também um brio profissional fora de discussão.

Bem se sabe que muitas vezes o fracasso não vem do artista, mas sim de quem o obriga a trabalhar em papéis que o queimam. Mas Paul Muni, se um dia lhe distribuíssem papéis de somenos importância, temos a certeza de que os trabalharia com tal gana de Génio, que o que seria noutro fracasso êle o transformaria em êxito seguro!

Há na vida predilecções especiais. Confesso, quer creiam, quer não, que não é êste o caso. Para nós não existe o artista bonito ou bem vestido. Não nos interessa o cabelo dêste ou daquêle, nem tão pouco a plástica mais ou menos «formidável» desta ou daquela. Na maioria dos casos, preferimos a «garra» de Greta Garbo à carnação opulenta da Mae West.

Eis a razão, porque apreciamos devidamente a «arte» de Paul Muni, embora não ponha gravatas bonitas nem pretenda lançar modas.

Dos artistas lançados, Muni é decerto o menos apreciado em telas portuguesas! E' talvez atrevida a afirmação. Mas não julguem que estamos a brincar aos «intelectuais» ou que armamos em entendidos! Nada disso. Se assim escrevemos, é porque já tivemos ocasião de verificar que a maioria do público não aprecia devidamente um artista como Paul Muni e que prefere ver trabalhar um Garat rodeado de meia dúzia de raparigas bonitas e com boa plástica. (Cá temos outra vez a plástica).

E porquê?... Quanto a nós, é pelo género que invariàvelmente Muni representa. Os seus papéis são, ora «históricos», ora fortes e cheios de verdades, muitas vezes cruéis, e a que êle dá, com o seu proverbial talento, durezas que o espectador, habituado às histórias côr de rosa do cinema, não consegue assimilar como devia. No final, quando lhe preguntam a sua opinião, o espectador encolhe os ombros mais por incompreensão que por aceitação. E, no entanto, tudo em Paul Muni revela uma sólida cultura, uma inteligência vivíssima e um poder formidável de reincarnar em si as personagens.

Não quero terminar sem fornecer alguns dados biográficos:

O seu verdadeiro nome é Muni Weisenfrend. Nasceu em Lunberg, na Austria, a 14 de Outubro de 1895. Tem 1,73 de altura, cabelos e olhos castanhos. Estudou em Nova-York e em Cleveland. E' casado com a actriz Bella Finkel. Trabalhou no teatro muito tempo, anos, e o seu primeiro filme foi estreado em 1928. Chamava-se «O Barbeiro de Napoleão» e foi um fracasso. Em 1932 fez «Scarface», que o tornou conhecido em todo o mundo.

JERÓNIMO

AS NOSSAS ACTRIZES PRECISAM DE GINÁSTICA

Se bem que, como é óbvio distinguir, o cinema português haja passado, admiràvelmente, a um raro e intrínseco valor, as nossas estrêlas, não têm, como as «estrangeiras», o poder insinuante de personificar o papel, ao andamento, vivo, dos movimentos e do côrpo. E, porque, sôbretudo os movimentos dão a graça e a personalidade a muitas vedetas, o seu estudo, é, como o do papel a desempenhar, causa capital de que qualquer das nossas estrêlas se deve servir, para vencer.

Um simples movimento de um braço ou o esquecido arfar, opresso e contínuo, do colo, acentua, indelèvelmente, uma importante fase do filme — a que não deve estranhar o tacto criador da mulher — e, eis uma estrêla aconchegada mais à cêna e a uma virtude súbtil, de interpretação e adaptação.

■

E' de-certo modo estranho a uma mulher que actua nos filmes o estudo dos seus movimentos; e, no entanto, há muitas artistas portuguesas que têm tanto *charme* num simples pestanejar como a Greta e tanta leveza nas passadas como uma Constance Bennet. Daqui se infere que se deve acentuar a encarnação do papel nos movimentos do côrpo e, até, na voz.

E porque o sucesso dos movimentos do côrpo não depende, sòmente, dum estudo, mas, também, duma preparação gimnástica que, terminantemente está posta de parte pelas actrizes portuguesas, acentuamos que a mulher deve estudar os seus dotes físicos, fazendo-os viver a cêna, o filme e, recreando-se, praticar gimnástica e desporto, — base essencial para o seu aperfeiçoamento.

É talvez por isso que Ginger Rogers diz que a mulher tem de cuidar de si para assegurar a sua estética, a sua escultural figura. No livro donde retirámos esta informação, Ginger afirma ainda *que a dança moderna exige movimentos musculares ritmados, por vezes um tudo nada violentos. Essa violência não importuna, contudo, a mulher elegante, dando graça aos movimentos, e, para quem prefere dançar uma noite inteira a praticar dez ou quinze minutos de gimnástica, é um recurso precioso.*

TIM

CORREIO DOS NOVOS

Conforme prometemos, responderemos aqui a todos os pedidos de colaboração para esta página. Julgamos vantajoso fazê-lo com a maior franqueza, para o que se disser servir de clara orientação aos que pedem os nossos conselhos. Daí a conveniência de cada candidato a colaborador escolher um pseudónimo — o que não o dispensa, no entanto, de nos indicar o nome e a morada.

TIM. — Como vê, publicamos o seu artigo. Mande mais.

JERÓNIMO. — O seu artigo «Cinema Educativo» não dá grandes novidades. Mas talvez venha a ser publicado, na devida altura. Sem as «suculências», é claro... O do Paul Muni é muito melhor, e, como vê, publicamo-lo hoje, embora com menos pontos de exclamação e alguns retoques.

PAR INVISÍVEL. — O vosso artigo tem muita graça — e muitas reticências. Hão-de lê-lo nesta página, não tarda nada, com alguns cortes feitos... pela censura. Escrevam mais, porque o pseudónimo é bem achado para uma colaboração a duo, e merece as honras da tinta fresca.

ANGELO MANUEL. — A sua carta vai ser publicada, pois tem o valor dum bom artigo. «Cultura cinematográfica», procuramos fazê-la da primeira à última página do nosso jornal, como já dissemos na «Panorâmica» do último número. Escreva mais artigos. O cinema precisa de novos como Você, meu caro Doutor!

MARIA GIL. — Vamos publicar o seu artigo «Lemiáõo». O outro tem um título sugestivo — «O Supremo Poder da Imagem» — mas é pretencioso e extravagante. Talvez chegue, no entanto, a sua vez. Continue a escrever — e tenha cuidado com a ortografia.

EDUARDO SOARES.—A sua crítica ao «Primeiro Amor de Gata Borralheira» vai ser publicada no próximo número.

E. L. DIAS. — Não é a vacilar, a hesitar, a duvidar, como você vacila, hesita e duvida que se faz seja o que fôr. Escreva e mande o que quiser, que o leremos com muito gôsto e o publicaremos ainda com mais, se o merecer.

RETARDADOR

CINEMA PORTUGUÊS

IGREJAS CAEIRO, o galã de «PORTO DE ABRIGO», comunica-nos as suas primeiras impressões do cinema



IGREJAS CAEIRO

Entrevistar Igrejas Caeiro é um problema muito sério. Encontrar o novel «galã» do cinema português é das coisas mais simples da vida. Em conseguir falar-lhe durante mais de 15 minutos reside a grande dificuldade de quem o procura. Caeiro tem o dia totalmente tomado. Desdobra-se em actividade — locutor, «galã» do «Teatro Nacional de D. Maria II», estudante, os seus afazeres foram escrupulosamente elaborados num programa diário, que êle respeita fielmente. Nos cafés, ou em qualquer «centro de cavaco», o protagonista de «Pôrto de Abrigo», a 1.ª produção de grande metragem da «Lisboa-Filme», nunca aparece. Só no «Nacional», no espaço que medeia entre uma e outra entrada em cêna, é possível ouvi-lo. Lá o fomos encontrar. Igrejas Caeiro recebe-nos amàvelmente e tem palavras de elogio para o «Animatógrafo». A entrevista tem de fazer-se por etapas, ou por outra: as respostas têm de coleccionar-se como se coleccionam sêlos, um agora, outro... quando aparecer...

— Gosta de cinema? — começámos pela pregunta sacramental.

— Sim, gosto. Adoro tôdas as manifestações de arte.

— Que lhe parece *Pôrto de Abrigo?*

— Um filme diferente de quantos até hoje se têm produzido em Portugal. Uma arrojada iniciativa a que, decerto, o público não deixará de corresponder. Bem haja, pois, a «Lisboa-Filme» por nos ter tirado do «rame-rame»...

— Dos seus colegas...

Não chegamos a terminar. Uma voz abaritonada, grita do corredor: *Igrejas Caeiro para a cêna»!*

Já de volta o nosso entrevistado não esquecera a pregunta:

— Penso o melhor. Umas simpatias. Guardarei pela vida fora gratas recordações das horas de filmagens de «Pôrto de Abrigo». Dos momentos de descanso também não me faltam saüdades. Sobretudo, dos vividos no Baleal, e de que o Oscar de Lemos era o «Grande animador» — como hoje se diz em linguagem de teatro.

— Em teatro ou cinema tem um «género» preferido?

— Ainda não me «aclimatei» a uma modalidade. Estou muito novo, procuro fazer tudo — ou de de tudo um pouco, como queiram — sem me «entregar» a um personagem que me esteja na «caixa». De resto, um artista não se limita a um «tipo»; «sente» todos os papeis que encarna. Só assim compreendo a profissão de actor.

— Que pensa da interpretação em teatro e cinema?

— Quanto a mim há uma enorme semelhança, senão uma semelhança completa, entre uma e outra. Hoje, no teatro, pela nova escola, não se representa, como outrora, excepto quando se trata de trazer à cêna obras clássicas. O teatro dos nossos dias, é, tal como o cinema, «vivido», da forma mais real.

— Gostaria de continuar no cinema?

— E porque não, uma vez que haja continuïdade?! Desde que fui aprovado no «concurso» à procura dum actor e duma actriz, dediquei-me de alma e coração à carreira artística sem abandonar outros afazeres profissionais, pois, como sabem, é «difícil» encontrar «segurança» na vida de actor.

— Ao enfrentar a objectiva apanhou algum «calafrio»?

— Não! Todos me diziam que fazer cinema era uma coisa horrível: muito trabalho, uns «holofotes» potentíssimos a secarem-nos a pele, e um mundo de horrores que bem parecia a câmara dos ditos...

Não dei por coisa alguma. Do primeiro ao último dia, filmei sempre encantado da vida — sem horrores, sem aborrecimentos. Fazer cinema, em minha opinião, é algo de admirável!

— Que pensa de Adolfo Coelho?

— Que não podia ter havido melhor escolha. Adolfo Coelho é perito em assuntos de espionagem. As suas obras falam bem alto.

— Gosta de ler?

— Imenso. Pena é não ter mais tempo disponível. Sou quási o «homem-relógio».

— Há, em romances consagrados, alguma figura que lhe interessasse viver na tela?

— Nunca pensei nisso. E sabem porquê? Sou adepto dos originais. Para mim o «sumário» dum filme deve ser inédito, e nunca uma adaptação. Não vejo com bons olhos adaptações ao cinema, ainda que sejam mais ou menos felizes. Cheiram-me sempre a falso.

— Como nasceu a ideia de vir para o teatro?

— Estiveram a guardar a pregunta para me atrapalhar? Mas, eu respondo prontamente porque a verdade nunca engasga.

Era sargento miliciano e estava em Tavira. Veio o concurso da «Emissora» de colaboração com o «Teatro Nacional» e o «Diário de Lisboa», que depois seguiu a minha entrada em cinema. Os colegas que conheciam o meu interêsse por estas coisas, entusiasmaram-me a concorrer. Inscrevi-me crente que não ganharia as provas. Hoje, poderia dizer o contrário. A verdade é a verdade! Primeiras eliminatórias, segundas — nada de assustar. Passei nas primeiras; ganhei o 1.º lugar nas segundas... e, depois, por uma questão de amor próprio, quiz mantê-lo... E trabalhei para isso. O resto... Com licença, são horas de voltar à cêna...

E ficamos, de novo, privados de Igrejas Caeiro. O leitor não imagina as vezes que deixámos preguntas em suspenso, à espera que Caeiro voltasse.

Estava terminada a entrevista. Deixámos o «Teatro Nacional». Lá ficara a representar o último acto o «galã» de «Pôrto de Abrigo», que na tela ou no palco pode convencer-nos que é um «apaixonado-romântico», mas que na vida real, é um rapaz alegre, cheio de espírito, de tanto espírito que faz anos duas vezes por ano — nasceu a 8 de Agosto e só foi registado a 18... Para a família o dia de anos, é dez dias antes do Bilhete de Identidade os festejar.

P. Z.

VER OUVIR... E FALAR

Esta vem fresquinha!

Artur Duarte prepara-se para fazer outro filme em Portugal. Desmente portanto as notícias que circulam acêrca da sua breve partida, de novo, para os Estados Unidos, via Rio de Janeiro.

E' verdade que já se tornou um lugar-comum a notícia de que o Duarte parte ou chega. Viajar, mudar de ares e de paisagem, é-lhe tão necessário como a celulóide ao cinema. E bem ao contrário do que muitos julgam, nós que conhecemos òptimamente o Artur Duarte, nas suas qualidades e nos seus defeitos, podemos dizer que êle não viaja para se dar ares — não toma essa atitude de partir e de chegar para «inventar» uma reputação...

Artur Duarte é assim mesmo. A aventura corre-lhe nas veias. Não pode estar muito tempo no mesmo sítio e sôbretudo quando não tem nada que fazer. Ora a aventura também é uma profissão. Para provar esta afirmação começarei por dizer que a vida social seria triste e chata sem a presença daquêles que fogem do lugar-comum, isto é, dos sentimentos médios, da rotina, das palavras banais, da ternura consentida pelo hábito, etc. Artur Duarte não pode estar parado. E mesmo quando se propõe fazer cinema em Portugal é ainda uma variante dêsse desejo eterno de aventura — aventura que envolve uma luta com aquêles que acabam sempre por dizer mal dêle depois de se terem aproveitado da sua dinâmica actividade...

Eu sou dos que gosto do Duarte, ainda, por um motivo que os outros detestam. Há quem embirre com êle pela insistência da sua pessoa. Mas a verdade é que êste aspecto merece elogio. No nosso meio, tão caracterizado pela abundância de superiores atitudes de renúncia ou de isolamento em inacessíveis «tôrres de marfim» — Artur Duarte pode «fazer pinturas», como se costuma dizer, mas está sempre em permanente convívio com os seus amigos e nunca hesitou em pôr ao serviço dêsse contacto o resultado de anos e anos de experiência lá por fora.

Já dissemos que a aventura é profissão. Quantas pessoas que nós conhecemos dela vivem há tantos e tantos anos no estrangeiro! Se o Duarte quizesse não precisava voltar. Mas se volta e fica é porque, no fundo, êle não encontra melhor ambiente para enquadrar o seu espírito irrequieto do que aqui. Não se riam! Lá fora está tudo feito, tudo descoberto. Aqui há, pelo menos, lugar para voltar as coisas do avêsso — como certos elegantes falhados viram os fatos velhos.

Artur Duarte, após longa peregrinação de que o próprio «Animatógrafo» já deu relato, prepara-se para fazer «O Amor Perfeito». E' obra feita com os olhos postos em sua mulher. Já há tempos que Duarte pensava nêsse filme e, então, o «cast» seria composto por Tereza Casal, António Silva, Gambôa...

Entretanto, faça ou não o filme (os trabalhos vão adiantados e com Artur Duarte está a colaborar Mota da Costa) só desejamos destacar êste facto: a presença de Artur Duarte vale alguma coisa. Nos três anos seguidos que aqui se conservou muito lhe ficou a dever o cinema nacional. E' assim mesmo! O trabalho de equipas, organização comercial de produções muito lucrou com a sua «pinturas»...

E quanto àquela maneira dêle falar com que muitos não concordam, basta reflectir um bocadinho para se compreender esta verdade: cada um no seu meio, no centro onde actuam as suas personalidades, emprega frases próprias, termos que se excluem. O astrónomo preocupa-se com a harmonia dos astros; o poeta discute Verlaine; o caixeiro, gravatas de sêda!

AUGUSTO FRAGA

«PUREZA» provoca no Brasil uma crítica muito contraditória

Chianca de Garcia, depois do êxito de «Aldeia da Roupa Branca» partiu para o Brasil. Preparou tudo para realizar um filme para a Cinédia — uma das mais importantes firmas cinematográficas brasileiras — e meteu ombros a fazer a adaptação cinematográfica dum dos maiores êxitos do romance da nação irmã — «Pureza» de José Lins do Rêgo. Para o Brasil, chamou Chianca dois auxiliares portugueses com que trabalhara em Portugal: Aquilino Mendes, operador da «Canção da Terra», «Aldeia da Roupa Branca» e «João Ratão» — e Fernando de Barros — assistente e caracterizador de tantos filmes nacionais.

Tanto em Portugal como no Brasil se criou à volta do seu trabalho uma grande espectativa. Cá pela curiosidade de ver o resultado do trabalho dum compatriota; lá pelo interêsse directo da cinematografia brasileira e ainda pela «dificuldade» com que os brasileiros «aceitavam» a direcção dos técnicos idos de Portugal.

«Pureza» foi estreada nos princípios do mês passado no Rio de Janeiro. E as críticas chegadas a Portugal mostram-se contraditórias na apreciação não só dum mas de quási todos os pormenores do filme

Emquanto Mário Nunes diz no «Jornal do Brasil» «como cinema, é o melhor filme feito até hoje entre nós», Roberto de Magalhães na «Noite» escreve: «O filme entretanto tem também algumas virtudes. Mas no balanço dos defeitos e das virtudes, a soma daqueles supera a destas». E o «Diário da Noite» afirma «quando todo o mundo pensava que ia nascer uma nova indústria necessária ao país... aparece um filmezinho chamado «Pureza»... filme comum com os mesmos vícios e defeitos de todos os dias...» Mas o «Estado de S. Paulo» garante pela pena de Lima Barreto nada menos que o seguinte: «o cinema brasileiro foi descoberto por Adhemar Gonzaga, o produtor e Chianca de Garcia, o director de «Pureza».

Analisando especialmente a encenação o crítico do «Diário da Noite» fala da «falta de direcção que se nota nos artistas» e o da «Noite» diz que encontrou «falhas imperdoáveis a um director experiente». Mas o primeiro ao referir-se a dois dos intérpretes diz que dariam alguma coisa com um director razoável, mas desapontando completamente sob as ordens dum director português».

E o *dum* revela uma evidente má vontade. A par disto a «Noite» reconhece implìcitamente o valor dos técnicos portugueses em comparação com os brasileiros quando diz: «Ou faltaria por trás de Chianca a sombra do pessoal da Tobis Klangfilm de Lisboa?»

Mas além disso temos que: Chianca de Garcia conseguiu uma representação bastante satisfatória de tôdas as figuras» («Jornal do Brasil»).

A interpretação é duma maneira geral classificada de inexperiente e Procópio, para não fugir à regra, elogiado numas críticas, noutras acusado como não tendo dado o carácter conveniente à sua personagem. Só o pretinho Jaime — que faz na fita o papel de «Jota» recebe elogios unânimes, sendo considerado como grande revelação do cinema brasileiro.

Avaliando o argumento de «Pureza» quer como história em si, quer como adaptação cinematográfica — também não encontramos opiniões unânimes ou, pelo menos, com maioria (excepto quando os críticos confessam que não conhecem a obra de José Lins do Rêgo o que fazem quási todos e o que é bastante estranho, dada a importância do autor dentro da moderna literatura do Brasil).

Sob êste aspecto diz a «Noite»: «a história de Lins do Rêgo mostra que êle tem bom sentido cinematográfico». E o «Diário da Noite»: «o enrêdo é banal... a adaptação cinematográfica não tem valor algum». E o «Jornal do Brasil»: «o contexto é na verdade muito interessante quer quanto à intriga pròpriamente dita quer ainda quanto aos caracteres etc....» E o «Estado de S. Paulo»: «E' uma história de amor como qualquer outra sem nenhum traço excepcional».

Depois dentro das próprias críticas contradizem-se os críticos. Na crónica da «Noite» lê-se quási a abrir: «Um novo progresso? Bem o desejara eu. Entretanto «Pureza» não confirmou essa previsão», e depois a fechar: «...o filme merece elogios, pois uma das coisas que mais tem faltado ao nosso cinema é perfeita concatenação e clareza nas histórias por êle contadas».



PROCÓPIO
(Visto por Teixeira Cabral)

Falando da fotografia o «Diário da Noite» elogia os momentos em que entra o preto Jaime em particular e todos os pretos em geral — mas acusa de escuridão e falta de gôsto outras cenas. O «Jornal do Brasil» afirma taxativamente: «Fotografia e som excelentes». A «Noite» nada diz emquanto o «Estado de S. Paulo» afirma: «a melhor que o cinema nacional produziu até hoje».

De tudo isto que parece revelar uma certa desorientação da crítica brasileira (coisa que, aliás, não acontece só no Brasil!...) «Animatógrafo» nada pode concluir de certo e seguro. Ora se diz bem, ora se diz mal, aqui se acusa além se chama maravilha. Vista no conjunto, vista no particular, da opinião que os jornais brasileiros fizeram da «Pureza» nada se conclue.

Portanto, aguardemos. E devemos dizer que continuamos a aguardar com a mesma espectativa e a mesma confiança que antes das críticas brasileiras já tínhamos pelo trabalho de Chianca de Garcia e seus colaboradores portugueses Aquilino Mendes e Fernando de Barros.

Se o cinema não educasse...

Um artigo de ALVES DE AZEVEDO que propõe um interessante teorema crítico

Vamos tentar demonstrar neste artigo um teorema de crítica que nos parece necessário esclarecer e comentar numa revista de cinema.

Dum modo geral, pode dizer-se que a obra de arte verdadeiramente digna dêsse nome exige um determinado público tanto como contribui para a sua formação.

Partindo desta permissa e considerando — como não podemos deixar de considerar todos nós, cinéfilos, — o cinema uma arte, não há dúvida de que o bom cinema faz o bom público.

E' certo que se chegou a êste axioma por experiência e sem que jamais ninguém procurasse averiguar a razão do facto.

A influência decisiva que tem exercido no espírito de milhões de espectadores a dialética de alguns filmes proporciona uma evolução do gôsto do público: em primeiro lugar tornando-o mais exigente em relação às capacidades do realizador — tal como não admite hoje as rudes canções dos cancioneiros medievos como moeda corrente literária — quaisquer que sejam as suas qualidades latentes ou profundas; em segundo lugar habilitando aquele a uma melhor compreensão e portanto a uma maior plasticidade da matéria a exibir. Por outras palavras, quanto melhores são os filmes que o público vê mais difícil o público se torna, precisamente por isso.

Em verdade, um filme que claramente exprime o seu conteúdo humano não pode deixar de impressionar o grande público.

Nesta ordem de ideas é conveniente frisar que o público não detesta novidades, como erradamente muitos supõem, mas antes as exige, e que assim tudo quanto de novo lhe possam apresentar servirá de base para a sua crítica a posteriores produções.

Aliás, uma coisa que o público não perdoa e que o maçam: um tema uma vez explorado com êxito e de que em seguida os comerciantes do cinema fizeram várias modalidades — tem tôdas as probabilidades de maçar o público, porque lhe dá a sensação «do já visto».

Logo, o cinema que verdadeiramente tem educado o público foi aquele que de princípio o surpreendeu, mas onde êle encontrou algo do que em si próprio trazia ignorado ou de aspiração ideal, ou de crítica social, ou tão sòmente de inquietação romântica.

Carl Laemle, Charles Pathé, verdadeiros antepassados do cinema, foram, no fim de contas, como animadores da indústria cinematográfica o que ninguém tentara. Este gráfica, apenas espíritos que ousa-foi o segrêdo do seu triunfo, a chave dos seus êxitos comerciais.

Modernamente, homens como René Clair, Julien Duvivier, Frank Capra e outros, ao pensarem na realização dum filme, não tiveram a preocupação exclusiva de ganhar dinheiro e de fazer o que se designa por filmes comerciais — produções que oferecem um mínimo de risco de prejuízo, — mas antes de expôr um tema humano capaz de interessar o grande público. Tal como um grande romancista, um Eça de Queiroz — não pretende antes de mais nada ganhar dinheiro com os seus livros mas sim desenvolver um tema artisticamente para quem o puder sentir.

São desta linhagem de obras de arte filmes como «A Rua sem Sol», «Sob os telhados de Paris», «A Porta das Estrêlas» etc. etc., os quais contribuiram mais para o prestígio e elevação do cinema no conceito do público do que as produções consideradas acessíveis e expressamente feitas para êle.

Se alargarmos as nossas considerações do ponto de vista restrito da educação do público para o prestígio que a um país pode advir da qualidade do seu cinema, verificaremos que as condições que devem presidir a sua realização são as mesmas.

Neste caso um bom filme traduzindo a maneira de ser íntima de uma raça ou de uma nação tem tôdas as probabilidades de interessar o público doutro país, mesmo que êste o não possa compreender inteiramente. A sua sensibilidade suprirá. Tal é o caso por exemplo de «Raparigas de Uniforme» notável filme que, em meia dúzia de imagens, nos deu a verdadeira atmosfera da juventude feminina alemã daquele tempo.

ALVES DE AZEVEDO

NOTÍCIAS DA EUROPA

O CINEMA NA ALEMANHA



HILDE KRAHL e HEINRICH GEORGE, o vigoroso actor alemão que vemos nesta gravura, são os protagonistas do filme «DER POSTMEISTER», extraído do romance de Puchkine e que GUSTAV UCICKY realizou para a U. F. A.

As disposições tomadas pelos dirigentes do cinema alemão, que como se sabe se encontra hoje dependente do Ministério da Cultura Popular e Propaganda, de forma a evitar a mobilização, no conflito actual, dos elementos trabalhando nos estúdios germânicos, quer técnicos, quer artísticos, permitiu manter não só o nível artístico da sua produção, como intensificar, até, o volume desta, quere se trate da U. F. A., da Terra, ou da Tobis, que constituem hoje um poderoso triunvirato no cinema de Além-Reno.

Nos seus estúdios trabalham agora muitos nomes conhecidos já dos cinéfilos portugueses, a par de outras figuras menos conhecidas, mas que deram já as suas provas.

Entre os realizadores trabalhando nos estúdios daquelas três empresas figuram os nomes de Carl Froelich, o homem que tornou possível «Raparigas de Uniforme» e que ocupa hoje um alto lugar oficial no cinema do seu país, o conhecidíssimo Geiza von Bolvary, que continua especializado nos filmes de assunto ligeiro e de ambiente musical, o veterano Carl Boese, Gerhard Lamprecht, o reazador do inesquecível «Emílio e os Detectives», Gunther Rittau, Carl Ritter, Gustav Ucicky, Erick Waschneck, Georg Jacoby, Hans Steinhoff, Walter Ruttmann, que continua dedicando-se aos filmes documentários, etc.

E no capítulo dos artistas vamos também encontrar, a par de novos nomes — uns consagrados já, outros que agora despontam — alguns que, certamente, o público português não esqueceu ainda. Nesse número se incluem Willy Fritsch, Georg Alexander, Hans Brausewetter, Carl Ludwing Diehl o grande artista que é Emil Jannings, Dorothea Wieck, a professora de «Raparigas de Uniforme», Liane Haid, sempre bonita, Camilla Horn, o veterano Hans Junkermann, Rudolf Klein Rogge, que foi duas vezes o «doutor Mabuse», Anni Ondra, Paul Richter, o herói dos «Nibelungen», Theo Luigen, hoje realizador também, o poderoso Heinrich George, Hans Stüve, como Paula Wessely, a inesquecível intérprete de «Mascarada», Paul Horbigger, Paul Kemp e Heinz Ruhmann, o impagável trio cómico dos filmes alemães, Otto Gebühr, o especialista de «Frederico, o Grande», e tantos outros.

A estes actores e a estas actrizes vêm juntar-se outros, ontem ainda ignorados. Uma nova geração apareceu nos «plateaux» de Neubabelsberg, de Tempelhoff e de Johannisthal. Dela fazem parte Ilse Werner, a maior esperança da nova camada, Wily Birgel, um grande nome actual, Marika Rokk, Ferdinand Marian, Maria Andergast, Kurt Meisel, a loira Friedl Czeppa, Ursula Deinert, Marina Von Ditmar, Heli Finkenzeller, Karin Hardt, Hansi Knoteck, Grete Weiser, Heidemarie Hatheyer, e essa artista notável que é Zarah Leander.

Testemunho da actividade da cinematografia alemã actual é o catálogo que a U. F. A. acaba de publicar, com o seu programa para esta época, segundo o qual deverão ser produzidos trinta e quatro filmes de fundo, cujos assuntos vão desde a comédia ligeira ao filme de pura propaganda, passando pelos mes de reconstituição histórica, de aventuras, de exotismo, etc.

Além dêstes, faz também parte um numeroso grupo de filmes culturais, alguns dêles a côres, assim como os habituais jornais de actualidades.

Entre os filmes de fundo mais importantes contam-se «Katharina I von Russland», dirigido por Carl Froelich, interpretando Zarah Leander a figura da Grande Imperatriz; «Der Gasmann», de Froelich também, com Heinz Rühmann, Anny Ondra e Charlotte Suza; «Bayer 205» e «Suez»; «Gutemberg», uma biografia cinematográfica do inventor dos caracteres tipográficos móveis; «Die Rothschilds», dirigido por Erick Waschneck, em que Eric Ponto interpretará Nathan Rothschild, o fundador da famosa dinastia de banqueiros, e «Diesel», focando a vida do inventor dos motores a óleos pesados, em que aparecem Ferdinand Marian e Jutta Freybe, realizado por Erick Engel.

Willy Fritsch aparecerá em «Die unvollkommene Liebe» ao lado de Gisela Uhlen, Ida Wust, Liane Haid, Rudolf Klein Rogge e Erika von Thelmann, e também em «Die Keusche Geliebte», em que tomam parte Maria Landrock, Camilla Horn e Kurt Meisel.

Marika Rokk interpretará, por sua vez, «Der Tanz mit den Kaiser» e Paula Wessely «Hemekehr», de Gustav Ucicky.

Tal é, a traços largos o que, cinematogràficamente, se passa na Alemanha.

F. R

● *PAUL KEMP é o principal intérprete do filme que está sendo realizado nos estúdios de Tempelhof, intitulado* Verkannte Bekannte, *e dirigido por Josef von Baky. Aparecem também Hilde Sessak e Wilfried Seyferth.*

● *ZARAH LEANDER, que acaba de assinar com a U. F. A. um contrato de dois anos, está interpretando o filme* Der Weg ins Freie *(Caminho da Liberdade). São também seus intérpretes Hans Stüwe, Agnes Windeck, Eva Immermann, Siegfried Breuer, Oskar Sima, Hedwig Wangel, etc. O realizador é Rolf Hansen, antigo assistente de Carl Froelich, sendo a fotografia de Franz Weihmayr.*

● *RUDOLF FORSTER, há pouco regressado dos Estados Unidos, foi contratado pela U. F. A. para aparecer em alguns dos seus filmes.*

● *CARL BOESE está dirigindo o filme* Hochzeitsnacht *(Noite de Núpcias), cuja acção se passa no Tirol, e de que são intérpretes Heli Finkenzeller, Geraldine Katt, Maly Delschaft, Albert Janschec, Hans Fidesser, etc.*

● *WILLY BIRGEL e Gerhild Weber são os protagonistas de* ...reitet für Deutschland *(Cavalguem pela Alemanha), da U. F. A., que Arthur Marie Rabenalt dirige e que foca a vida do Barão von Uckermark, famoso campeão hípico.*

● *LUISE ULLRICH, depois de uma longa viagem pelo Brasil e outros países da América do Sul, apareceu no filme da U. F. A.* Liebesschule. *Aquela emprêsa contratou-a para mais dois dos seus filmes.*



Nos últimos tempos tem sido muito reduzida a actividade cinematográfica nos estúdios da «Paladium Pictures». No primeiro «plateau» há já dias que se encontram vagas duas mesas.

— Logo que terminem os trabalhos do filme «Port of Security» começam, imediatamente, os preparativos para a realização do novo filme «Port Wine». O produtor já escolheu alguns intérpretes, mas está indeciso quanto ao artista que há-de desempenhar o protagonista, se o actor Silvester Al Grim ou o seu colega Oskar von Laemle.

— Vai surgir na tela uma nova rival da famosa garota Shirley Temple. A nova actrizinha, que se chama Dinah Therese, começa dentro em pouco a filmar, e os produtores estão muito animados porque a menina tem muita gracinha.

— Vai regressar à actividade o realizador Armand My Handy, que está já a preparar a realização dum novo filme intitulado «Bread, bread, cheese, cheese».

— Prosseguem os trabalhos para a realização do filme «The Men», réplica ao discutido filme da Metro «Mulheres». Os personagens do novo filme, são correspondentes às figuras femininas de «Mulheres» e estão já escolhidos os intérpretes. A distribuição, que damos em primeira mão, é a seguinte:

O Bom marido, Eric Brag; O intriguista, Sam Denis; O Ensarilhador, Charles Loyal; O velho que só gosta de raparigas novas, Tony Mary Wolsfon; O empregado da loja de perfumes, Tony Willard; O rapaz sensato, Joseph Gamboes; O dono da pensão, Rob Montair; O filho, Frank «Zittle» River.

A homenagem a JEAN RENOIR no cinema SÃO LUIZ

A primeira festa promovida por «ANIMATÓGRAFO» alcançou, na sexta-feira, um êxito brilhantíssimo

Para prestar homenagem ao grande realizador francês Jean Renoir, «Animatógrafo» promoveu, no S. Luiz, a sua primeira festa. E grande festa foi!

Desde já podemos afirmar — sem sombra de exagêro e só com uma pontinha de vaidade, aliás tão justificável — que se tratou duma grande festa, pelo ambiente de que se revestiu, pelo calor do entusiasmo que acendeu e pelos belos momentos que a todos proporcionou.

Pela gloriosa casa de espectaculos da rua António Maria Cardoso têm passado muitas glórias do palco e da tela; ali assistimos a tanta homenagem — qual a mais brilhante e a mais sincera; ali vimos — para prazer da nossa cinefilia, grandes fitas e grandes astros; ali calorosamente temos muita vez aplaudido... Pois, á altura dos melhores momentos ali vividos — estarão, desde sexta-feira passada, aquela extraordinária simplicidade, aquele emanar de vigor e comoção visivel do grande Jean Renoir. E as ovações que ali ouviram o realizador da «Grande Ilusão» e o nosso Director serão para nós inesquecíveis — pela garantia que traduzem da oportunidade da nossa iniciativa e do êxito que ela alcançou.

A ASSISTÊNCIA

Uma assistência invulgar enchia o grande cinema lisboeta. Sua Ex.ª o sr. Ministro da França, directores de jornais, muitos artistas e técnicos do cinema nacional, ilustres nomes portugueses e franceses da arte, do jornalismo e do cinema, distribuidores, exibidores, os sócios do «Clube do Animatógrafo», um publico de «cinéfilos» á prova, de cinéfilos conscientes e seguros, todos quizeram, com a sua presença, assinalar a importância que lhes merecia uma das mais vigorosas personalidades da arte francesa e do cinema mundial, todos se interessaram por ouvir falar êsse grande artista descendente de artistas grandes — e de o ouvir explicar uma obra sua que é, simultaneamente uma obra excepcional do cinema contemporâneo.

Sabiamos que a nossa festa se iria revestir de tamanha categoria — porque sabiamos o valor de Jean Renoir e o valor da nossa «élite» cinéfila, do alto publico cinéfilo português. Se o não soubessemos começariamos por não acreditar na existência de «Animatógrafo». Mas acreditamos — e «Animatógrafo» segue o seu caminho. Mas tinhamos a certeza que os cinéfilos portugueses sabiam dar todo o valor que merece — a quem como Renoir o merece. E estava certa a nossa convicção. Por isso a nossa festa nos deixou, como dissemos, contentes de nós próprios: porque reunimos á nossa volta um publico que nos honra numa festa que se mereceu.

Isto anima-nos a garantir que vamos continuar.

Na festa de sexta-feira — que só



JEAN RENOIR, do palco do S. Luiz, fala aos leitores do «Animatógrafo», na festa da sexta-feira

não foi uma gala porque não se vestiu a rigor — mas que téve todo o significado duma gala e a sinceridade e brilho dos grandes momentos, deu-se, pela primeira vez, importância ao que merecia importância. Pela primeira vez o publico, porque não se sentiu desacompanhado, teve oportunidade, uma oportunidade tantas vezes dificil de encontrar, de ser justo, dignificadoramente justo. Havia ambiente para que os cinéfilos pagassem a quem luta pela cinematografia, para que os que também lutam pela cinematografia aplaudissem um camarada de trabalho — um mestre-camarada que na sua franqueza, na sua simplicidade e digno de encarnar o espirito a um tempo nacional e universal do cinema.

Vêr as nossas vedetas, os nossos realizadores, os nossos técnicos aplaudirem a ideia da homenagem, o homenageado e a sua mais significativa obra foi em extremo consolador para todos nós. Não o foi menos vêr o nervosismo emocionado dêsse colossal e sincero Renoir.

As palmas que o receberam quando, depois de apresentado pelo nosso Director, entrou no palco do S. Luiz, traduziam, de per si, com evidência, como o director da «Fera Humana» estava lembrado pela assistência — porque eram muito mais que simples palmas formais, correctas.

AS OVAÇÕES

Mas a ovação que coroou as suas magnificas palavras e essa outra de toda a sala que, de pé, depois de correr a «Grande Ilusão», exigiu a presença de Renoir no palco — constituiram verdadeira apoteose.

Está aí o maior significado e a maior alegria da nossa festa — um significado que se ultrapassa e uma alegria que compensa.

O publico honrou-se sabendo merecer Jean Renoir. Que Renoir mereceu o público — o que dissemos o garante.

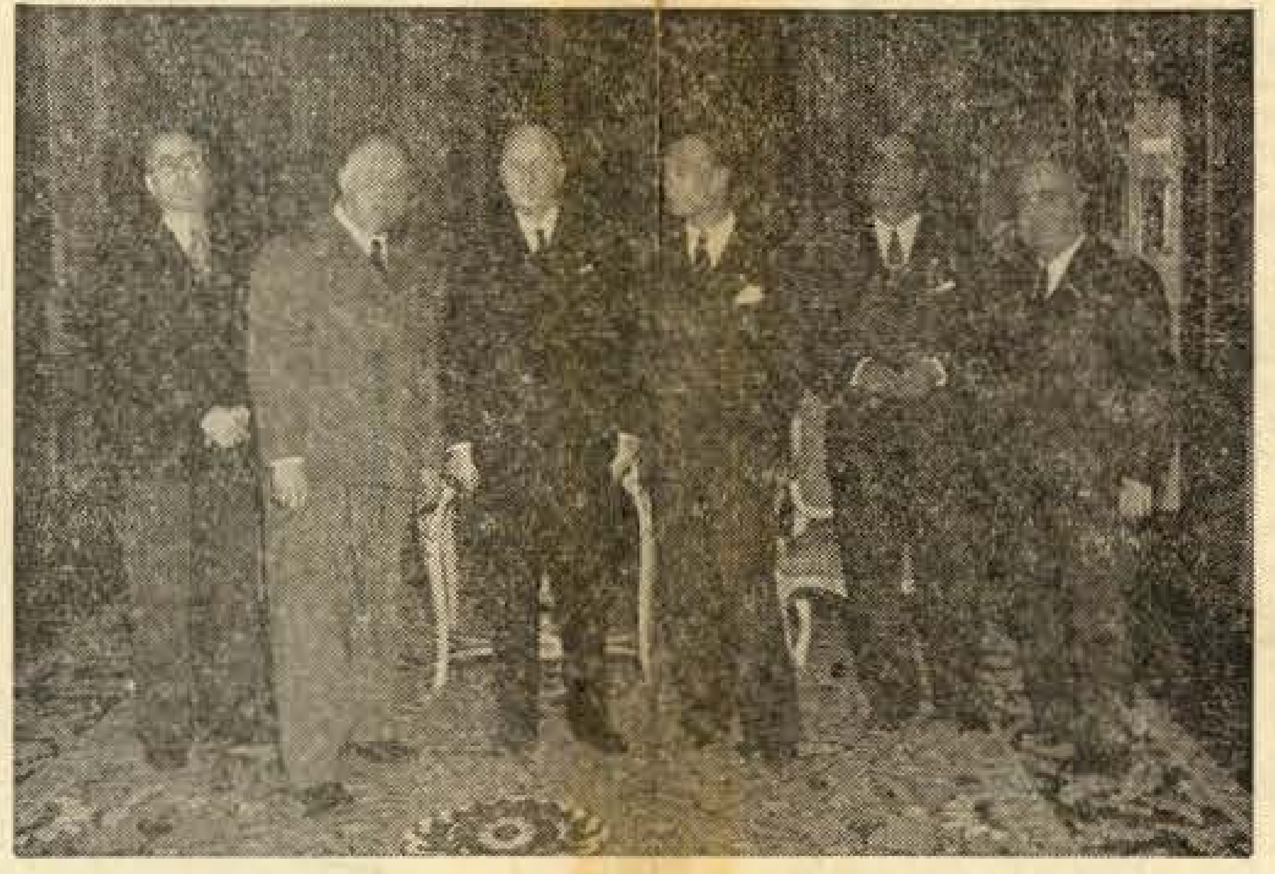
«Animatógrafo» continuará a tentar merecer Renoir e o público.

O QUE DISSE O NOSSO DIRECTOR

António Lopes Ribeiro, director de «Animatógrafo», apresentou o homenageado, expondo as razões que levaram a nossa revista a tomar uma iniciativa que constituia um acto de justiça por alguém que é hoje, no panorama do cinema europeu, uma das mais vigorosas personalidades, e que foi um dos pioneiros da Arte das imagens, um trabalhador e um batalhador incansável por uma mais nobre e elevada concepção do cinema.

Começa por dizer que «Animatógrafo» não foi fundado para aproveitar uma oportunidade. Por melhor que ela fôsse teria escrupulo em surgir com o intuito de «faire chevalier seul».

«Sempre detestei o isolamento. E no cinema, arte de colaboração e arte de multidões, estar só é não existir. «Animatógrafo» precisa do público precisamente como acontece com o cinema. E', portanto, justo que êle, logo no começo da sua vida, se não esqueça do público, do público dos seus leitores. Por isso, há que ser extremamente grato aos fados por nos terem proporcionado êste magnifico ensejo de conseguir reunir-nos, a todos, para



NO SALÃO NOBRE DO «SÃO LUIZ» NO INTERVALO DA FESTA DE «ANIMATÓGRAFO». — Da esquerda para a direita: Raymond Warnier, director do Instituto Francês; Jean Renoir; o sr. m rezário do «S. Luiz», e o dr. José Almatógrafo»; João Ortigão Ramos, empresário do «S. Luiz», e o dr. José Alvellos, do Secretariado da Propaganda Nacional

prestar homenagem a Jean Renoir.»

Antes de falar do realizador da Grande Ilusão», que dai a pouco correria, teriunfalmente, no «écran», António Lopes Ribeiro pede licença «para começar por onde os outros acabam»: por agradecer ao publico que, compreendendo perfeitamente o significado da festa, acorreu em alvoroço; ao «Clube do Animatógrafo», cujos sócios, verdadeiros e sinceros amigos do cinema, não quizeram deixar passar semelhante oportunidade para demonstrarem, com a sua presença, o interêsse que lhe merecem o cinema e os seus obreiros de mérito; ao sr. Ministro da França, como representante duma nação que, sob a chefia de Pétain, todos amamos e respeitamos; á emprêsa A. Ramos, Lda., e, em particular, a João Ramos que não só sabe sempre, como poucos, estar á altura do cargo que desempenha, como possue ainda aquele espírito de cinefilia que, infelizmente, falta a tantos dos seus colegas, directores de salas de cinema, não só de Portugal como também de outros países; á Continental Filmes, distribuidora em Portugal da «Grande Ilusão», que pôs á disposição do nosso jornal aquele filme, e, por fim, a Jean Renoir por ter aceitado o convite que lhe fizera para explicar ao publico português o seu filme, as razões porque o realizou, a maneira como o concebeu e a forma como ergueu o valiosíssimo espectáculo de cinema que é a «Grande Ilusão».

E o director de «Animatógrafo» terminou afirmando: «No cinema tudo deve ser limpido como o cristal das objectivas. E, no entanto, Deus sabe quantos pescadores de águas turvas procuram aproveitar-se dêle!... Mas como o cinema é a arte da luz, e a luz é sempre pura, são eles próprios que turvam a água em que tencionam pescar.

Jean Renoir nunca usou semelhantes processos.

«A Grande Ilusão», como todos os seus outros filmes, é uma prova cabal do seu amor á autenticidade».

Concluídas as suas palavras de apresentação, Lopes Ribeiro introduz Jean Renoir. Uma salva de palmas ecoa, clamorosa, logo que o realizador da «Fera Humana» dá entrada no palco. A ovação prolonga-se, entusiásticamente, por longos minutos.

O QUE DISSE JEAN RENOIR

Serenados os aplausos, Renoir começa por ler a tradução ,em francês, dos primeiros versos dos «Lusiadas». E afirmou ser uma maneira cómoda e, a seu ver, a melhor de se apresentar pela primeira vez perante o nosso publico.

Não conhecia a nossa história. Mas a Exposição do Mundo Português, que visitou todos os dias, desde a sua chegada até o seu encerramento, edificou-o a tal respeito. As salas de Belém mostraram-lhe, mais perfeita e luminosamente que o mais desenvolvido compêndio, o que fomos e o que fizemos.

Por sua vez ,o Centro Regional, maravilhosa colecção de elementos da vida portuguesa, pô-lo ao par do Portugal do campo e da beira-mar, dos usos e costumes da gente por-



ANTONIO LOPES RIBEIRO apresentou Jean Renoir ao público português com palavras de excepcional admiração

tuguesa. Pelo que vira, sabia hoje com precisão, como se tivesse percorrido Portugal de ponta a ponta, que determinado objecto pertencia a uma certa região, que tal barco era o usado em certo ponto da nossa costa, que além se tecia assim, que acolá se bordava dêste modo... A Exposição tinha sido para êle um deslumbramento e uma fonte valiosíssima de ensinamentos. Era como que um grande filme, documentando em imagens duma grandiosidade e duma precisão admirável o passado e o presente de Portugal. Um filme perfeito, desde a planificação á montagem.

Jean Renoir falou em seguida do cinema português.

Disse, pelo que vira já, que o nosso cinema tinha sido para êle uma verdadeira e bem agradável surpresa. A autenticidade, a sinceridade, a alegria do nosso cinema, os motivos estruturalmente portugueses que os nossos filmes apresentavam tinham bem mais interêsse e mais carácter que os pretenciosos e falsos filmes de ambiente internacional. O nacionalismo dum filme é, segundo o seu ponto de vista, a condição essencial do seu internacionalismo.

O homenageado vira também «O Feitiço do Império», de António Lopes Ribeiro. E nesse filme encontrara as mesmas preocupações de verdade, a mesma orientação que êle próprio procurara e procura dar a toda a sua obra. Tal parentesco não podia deixar de impressioná-lo. E, se não tinha a certeza de êle e Lopes Ribeiro estarem na razão, parecia-lhe, no entanto, que o documentário, dramatizado ou não, é sem duvida a mais nobre das concepções cinematográficas.

Parecia-lhe que conduzido nesse sentido o cinema português tem todas as probabilidades de atravessar, vitoriosamente, as fronteiras. E tem a certeza de que, se o não fez ainda, foi em consequência das combinações internacionais de espírito puramente comercial que embaraçam a expansão e a permuta das autênticas obras de arte cinematográficas.

Jean Renoir, comparando as facilidades do cinema francês de há três anos com as de hoje, disse que isso só poderia ter um aspecto benéfico, pois daí resultaria uma verdadeira e indispensável depuração, passando o cinema para as mãos dos verdadeiros profissionais e cultores sinceros duma arte das mais nobres e das mais apaixonantes.

Finalmente, refere-se ao filme que constituia um dos motivos da festa de «Animatógrafo»—«A Grande Ilusão».

Realizado há três anos, foca a vida dos prisioneiros franceses nos campos de concentração alemães, durante a outra guerra. A história de «A Grande Ilusão» baseia-se em factos verídicos, documentados em narrações de amigos seus que viveram os mesmos momentos, que passaram pelas mesmas emoções que o filme mostra.

E contou a origem da sua ideia:

Renoir foi, durante a guerra de 14-18, fotógrafo da aviação (daí lhe veio, aliás, o gôsto pelo cinema). E sempre que corria perigo — conta-nos êle — surgia a esquadrilha de caça então dirigida pelo «adjudant» Pinsard, hoje general, a salvar-lhe a vida. Daí lhe veio uma bem justificada estima por êsse herói. E Pinsard conseguiu evadir-se nada menos de sete vezes dos campos de concentração alemães! Contou-lhe histórias soberbas, onde Renoir logo viu o estôfo dum bom filme. E encontrando-o mais tarde, em Istres, já coronel, concebeu e escreveu, amorosamente, o «scenário» da «Grande Ilusão».

Pois andou com êle debaixo do braço, mais de três anos, a subir e a descer escadas!

Nenhum produtor o queria. Afastava-se demasiado da concepção «comercial» do costume. Até que encontrou um que, graças a Deus, não percebia nada de cinema. Esse

(Continua na página 14)

A S. I. F. vai apresentar um grande filme: «NOVOS HORIZONTES»



A S. I. F. vai apresentar um novo filme que vem precedido duma grande categoria. É o famoso «White Banners», que em português se intitula «Novos Horizontes». A sua história, cheia de emoção e de humanidade, é vivida por um grupo notável de intérpretes



Entre êles contam-se Claude Rains, a notável Fay Bainter, grande figura do teatro e do cinema, Jackie Cooper, a jóvem Bonita Granville, Henry O'Neill e Kay Johnson, que volta ao cinema. Edmund Goulding consagrada figura de realizador, dirigiu «Novos Horizontes»

UMA SESSÃO SOLENE NO SINDICATO

Realizou-se ontem, domingo, na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, uma sessão solene em que, por proposta do Presidente da Direcção, António Lopes Ribeiro, Jean Renoir foi eleito, por aclamação, sócio honorário daquele organismo corporativo.

Renoir é o primeiro profissional de cinema estrangeiro a quem é concedida essa honra.

A GALERIA DO «ANIMATÓGRAFO»

Êste número inclue dois Retratos-Brinde que não podem ser vendidos separadamente, e que todos devem exigir aos vendedores dêste jornal.

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

O elenco da WARNER para 1941

A Warner Bros acaba de tornar pública a lista de pessoal que durante a presente época trabalhará nos seus estúdios, quer se trate de artistas, de realizadores ou argumentistas, formando um valioso grupo de colaboradores, entre os quais se encontram muitas das mais categorizadas personalidades do cinema americano. Para elucidação dos nossos leitores, vamos dar indicação de alguns dêsses nomes.

Entre os artistas seus contratados exclusivos estão: James Cagney, Humphrey Boggart, Bette Davis, Olivia de Havilland, George Brent, Erroll Flynn, Geraldine Fitzgerald, John Garfield, Miriam Hopkins, Merle Oberon, Pricilla Lane, Rosemary Lane, Ida Lupino, Wayne Morris, Jeorge Raft, Edward G. Robinson, Ann Sheridan, Abert Bassermann, sua mulher Elsa Bassermann, Eddie Albert, Donald Crisp, Alan Hale, Brenda Marshall, Claude Rains e Jane Wyman.

Isto pelo que respeita aos seus artistas privativos. Contudo, além dos que sabemos de nomeada, têm também os irmãos Warner contratados, para um ou mais filmes, os seguintes artistas: Raymond Massey, Gary Cooper, Barbara Stanwick, Walter Brennan, Edward Arnold, James Stewart, Rosalind Russell, Charles Ruggler, Herbert Marshall, Gale Sondergaard, Pat O'Brien, Raymond Walburn, Frances Farmer, Marjorie Rainbeau, Nigel Bruce, Gene Lockhart, etc.

No quadro dos realizadores estão incluídos os nomes de Lloyd Bacon, Michael Curtiz, Kurt Bernhardt, Anatole Litvac, Edmund Goulding, Raoul Walsh, William Wyler, William Keighley, Al Green, Jean Negulesco, Ray Enright, etc.

A Warner, que êste ano festeja o seu 35.º aniversário, adquiriu também os direitos de adaptação cinematográfica de vinte e quatro obras literárias, recentemente aparecidas.

O cinema na Universidade

Longe vai o tempo em que o cinema era considerado um mísero espectáculo de feira e olhado com indiferença, e com comiseração até. Que caminho andado em menos de cinco lustres!

Hoje tudo mudou. De tal forma que até os grandes estabelecimentos de ensino lhe dedicam lugar de primordial importância nos seus programas de estudo.

Está neste caso a Universidade da Califórnia do Sul, cujo presidente, Rufus Kleinsmid, acaba de anunciar o plano de estudos para êste ano. A secção de cinema daquela Universidade, iniciada em 1929, inclui hoje vinte e oito cursos de matéria cinematográfica. Títulos de alguns dêsses cursos: «Direcção Cinematográfica», regido pelo realizador da Warner, William Keigley; «A Música no Cinema», ministrado pelo musicista Boris Morris; «Arte no Cinema» regido por William Cameron Menzies, o director artístico de «Gone With The Wind», e de «Rebecca»; «Direcção Musical», pelo Dr. Ernst Toch; «Exibição e Distribuïção», por Charles Buckley, vice-presidente da Fox, etc.

A vingança de KATHARINE

Quando Hollywood despediu Katharine Hepburn, Katharine Hepburn jurou vingar-se de Hollywood.

E foi, certamente, bem mais depressa do que ela supozera quando a R. K. O. lhe não renovou o seu contrato, em virtude do êxito mínimo que os seus filmes obtinham no Midle West, onde os cinéfilos locais — que contam extraordinàriamente no resultado comercial de qualquer filme — tinham por ela uma verdadeira antipatia, não se sabe bem porquê.

Claro que Katharine, com todo o seu «abattage», não se deu por vencida. Foi para Nova York, e no teatro foi a intérprete celebrada de The Philadelphia Story», uma peça de Philip Barry que é uma crítica mordaz aos meios elegantes daquela cidade americana.

O êxito foi tão grande, cêrca de um ano de cartaz, que Katharine Hepburn resolveu ela própria comprar os direitos cinematográficos, com a absoluta certeza de que Hollywood não deixaria passar êsse êxito de Nova York. Evidentemente que se não enganou, pois que a Metro Goldwyn Mayer se apressou a adquirir aquêles direitos, mas com a obrigação de ser a sua detentora igualmente a protagonista da história no «écran».

E o seu orgulho ferido ficou, assim, plenamente satisfeito...

The Philadelphia Story, já concluída, foi dirigida por George Cuckor, o realizador de «Mulheres», e é interpretada também por Cary Grant e James Stewart — o noivo de Hepburn e o jornalista mundano que tudo complica com as suas inconfidências — pela pequena Virginia Weidler, uma espantosa actrizinha, pela pessoalíssima Ruth Hussey, pelo «Vilão» John Howard e pelo impagável Roland Young.

BETTE DAVIS



contracena de novo com GEORGE BRENT

Dois dos mais categorizados artistas da Warner Bros, Bette Davis e George Brent, em virtude do êxito alcançado em «Dark Victory» e «The Old Maid» — êxito traduzido, também, por um enorme rendimento comercial para aquela companhia — vão de novo aparecer juntos num novo filme. Intitula-se *January Heights* e será uma obra vigorosa e emocionante, em que Bette Davis viverá, uma vez mais no «écran», uma dramática figura de mulher.

INGRID BERGMANN volta ao cinema

A carreira cinematográfica de Ingrid Bergmann, a insinuante vedeta nórdica, é das mais fulgurantes de que o cinema é testemunha.

Trazida para Hollywood da sua Suécia natal por Samuel Goldwyn, um filme bastou para a impor como uma das mais talentosas e sensíveis actrizes com que conta o cinema americano Todos se lembram de «Intermezzo» e da sua maravilhosa criação ao lado de Leslie Howard.

Pois agora a loira Ingrid, depois de alguns meses de inactividade nos estúdios, vai aparecer no seu segundo filme, desta vez para a Columbia.

Intitula-se **Legacy**, e a seu lado aparecem Warner Baxter, a simpática Fay Wray, há tanto tempo afastada do cinema, Suzan Hayward e Richard Denning.

Gregory Ratoff volta, tal como em «Intermezzo», a dirigir a encantadora Ingrid Bergmann.

O primeiro filme DE BOB CROSBY

Um irmão de Bing Crosby, o famoso cantor da rádio americana está fazendo agora furor nos Estados Unidos. E' Bob Crosby, considerado uma das mais prestigiosas figuras do jazz, emparceirando, condignamente, com dirigentes de orquestra de nomes prestigiosos como Benny Goodman, Benny Carter, Duke Ellington, Cab Colloway, Kay Kaiser e do maior de todos — Louis Armstrong.

Bob é o «jazz conductor» da Dixieland Band, um nome que recorda saudosamente os tempos heróicos da música «swing».

Por isso Bob foi agora contratado para aparecer no filme da R. K. O.-Rádio intitulado **Let's Make Music**. São seus parceiros a formosa Jean Rogers, que vimos freqüentes vezes como heroína de algumas séries recentes da Universal, Elisabeth Risdon, um novo nome da tela, Joseph Buloff, Joyce Compton, Grant Withers, primeiro marido de Loretta Young, etc. Dirigiu o filme o realizador Leslie Goodwin.

FRANK CAPRA reincide na Sátira Social

Frank Capra concluiu para a Warner Bros, empreza de que passou a fazer parte como elemento da mais alta categoria, o filme *Meet John Doe*, cujo argumento, tal como em *Doidos com Juízo* e *Mr. Smith Goes To Washington*, que brevemente será apresentado em Lisboa, é uma crítica às coisas públicas americanas.

Realizado sôbre um «cenário» de Robert Riskin, seu habitual e imprescindível colaborador, aquêle novo filme de Capra é interpretado por Gary Cooper, Barbara Stanwick, Edward Arnold e Spring Byington — o milionário convertido e a poetisa excêntrica de «Não o levarás contigo» — Walter Brennan, James Gleason e Gene Lockart.

FITAS NA FORJA

● **Victory**, com Frederich March, Betty Field, Sir Cedric Hardwicke e Jerome Cowan. Realização de John Cromwell. Paramount.

● **Dreaming out Loud** com Lum e Abner — figuras popularíssimas da rádio — Frances Langford, Frank Craven, Bobs Watson e Phil Harris. Dirigida por Harold Young. R. K. O. (Rádio Filmes).

● **Road Show**, com Adolphe Menjou, Carol Landis, John Hubbard, Charles Butheworth, Patsy Kelly e George E. Stone. Dirigida por Richard Wallace. Hal Roach. (Sonoro Filmes).

● **Playgirl**, com Kay Francis, James Ellison, Nigel Bruce, Margaret Hamilton, George Huntley e Katherine Alexander. Direcção de Frank Woodruff. R. K. O. (Rádio Filmes).

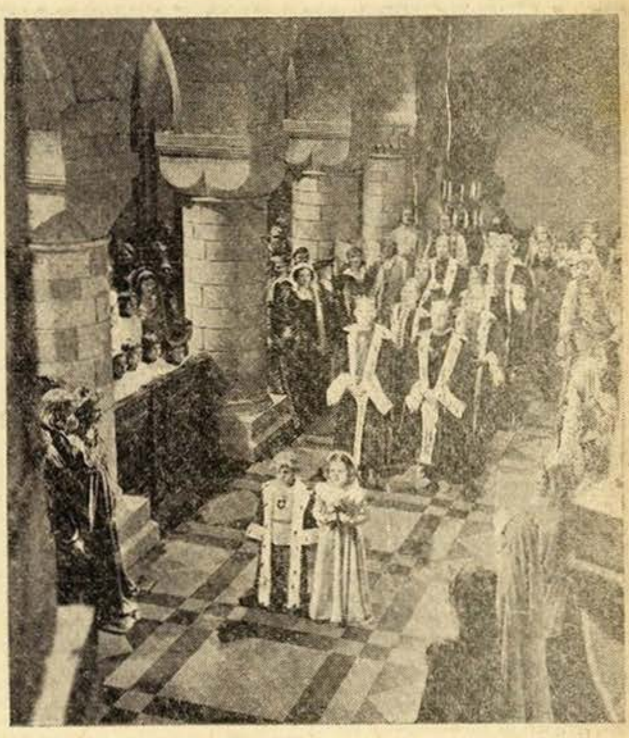
● **San Francisco Docks**, com Burgess Meredith, Irene Hervey, Barry Fitzgerald, Raymond Walburn, Lewis Howard, Robert Armstrong e Esther Ralston. Universal. (Filmes Alcântara).

● **A Flagpole Needs a Flag**, com Lloyd Nolan, Doris Davenport, Frank Albertson, Robert Armstrong, Charles Halton e Paul Harvey. Realização de Joseph Lantley. Republic. (Filmes Luiz Machado).

A propósito do grande filme «A TÔRRE DE LONDRES»

PROVA-SE A INJUSTIÇA

de freqüentes acusações contra a inexactidão das reconstituïções históricas



Segundo os usos do tempo, os príncipes, cujo matrimónio as razões do Estado antecipadamente estabeleciam, casavam-se muito antes da idade própria. Nêste momento histórico de «A Tôrre de Londres» o noivo tinha 5 anos e a noiva 6.

O Cinema é frequentemente acusado de, ao ocupar-se de reconstituïções históricas, deturpar a verdade e apresentar, às multidões desprevenidas, relatos de discutível exactidão. Contra tal, erguem-se então, acesos em nobre ira, os severos mestres que, só se lembram que existe o Cinema, na hora em que o injuriam.

Não vamos aqui garantir que os estúdios escrevem sempre a História com as preocupações rigorosas de Alexandre Herculano, Michelet ou Edward Gibbon e que, por exemplo, êste último, se lá do Outro Mundo pudesse ver o recente filme «A Tôrre de Londres», não deixaria, de-certo, de fazer sentir, num ou noutro pequeno ponto, a sua discordância pela forma como a Nova Universal ressuscitou nalguns pequenos pormenores um dos períodos mais nebulosos do país de origem, do famoso historiador britânico.

Mas, cumpre, antes de qualquer outro juízo, ter em vista que o Cinema é mais um espectáculo de arte e de diversão, do que um tratado escolástico. Aí dêle se fôsse apenas a tratar, das reconstituïções históricas, o rigor e a severidade que dêle impensadamente exigem os inclementes didáticos! O público enfastiado desertaria das salas de projecções onde, com certeza, não seriam os professores de História, que viriam preencher os lugares vazios.

Depois, vistas bem as contas, o Cinema não tem sido mais mentiroso do que, por exemplo, Alexandre Dumas, cujos romances, «históricos» todo o Mundo aprecia sem se preocupar se José Balsamo ou a Rainha Ana de Áustria foram, realmente, melhores ou piores, do que o afamado romancista os retratou.

Falámos, atrás, da «Tôrre de Londres». E' êsse um dos mais famosos e notáveis filmes de ambiente histórico que a América nos ofereceu. Como não podia deixar de ser, em Inglaterra, os senhores das bibliotecas mostraram-se de opinião diferente à apresentada nalgumas passagens do famoso filme. Isso, é claro, que nada impediu que em todo o território britânico, como aliás em todos os países onde o grandioso filme já foi exibido, o público esgotasse diàriamente as lotações das salas, dominado pela grandiosidade do espectáculo, e sem se ofender pelo facto do carrasco Mord ser inteiramente calvo, por o Príncipe de Gales não usar barba ou por chover na ocasião da batalha de Tewkesbury.

Todavia, não se julgue que a Nova Universal pretendeu sacrificar, às preocupações espectaculares, a verdade histórica. Longe disso! O filme foi dirigido por Rowland V. Lee que, embora seja um dos primeiros directores de Hollywood, naturalmente não é um historiador profissional. Mas, por isso mesmo, a firma produtora agregou-lhe, como conselheiro e assistente técnico, uma autoridade em História inglêsa, — o venerando professor Leo G. Carroll lente catedrático de uma das universidades americanas.

Foi sob a sua direcção que os guarda-roupas confeccionaram os milhares de trajos quinhentistas que se vestem no filme; que se feriram as formidáveis batalhas de Tewkesbury e Bosworth; que os caracterizadores procederam ao «make up» de Basil Rathbone, Barbara O'Neil, Ian Hunter, Miles Mander, Ralph Forbes, G. P. Huntley, para não citar outros, e que encarnam respectivamente as figuras de Ricardo III, Isabel, Eduardo IV, Henrique VI, Henrique Tudor e Príncipe de Gales, que se detalharam todas as fases dos dois curiosos treinos em que os príncipes, sob as suas cintilantes armaduras, se exercitam em combates singulares.

Ainda, a propósito das duas citadas batalhas, numa das quais, as hostes do Príncipe rebelde são vencidas pelo exército paterno e, na outra, as fôrças de Henrique Tudor atravessam a Mancha e conquistam a Inglaterra, derrubando do trono o rei-tirano, nada se poupou, nem em figuração nem em armamento, para que tais encontros bélicos se revestissem da imponência e do realismo que no filme revelam. As batalhas de Tewkesbury e de Bosworth travaram-se, respectivamente, em 1471 e 1485, e, no filme, ou porque as crónicas coevas o afirmem, ou porque o encenador as quis pintar com mais característica espectaculosidade — isso não o sabemos — feram-se, a primeira sob constante chuva e medonha trovoada, o que ainda mais lhe vinca a formidável grandeza, e a segunda, no meio de um denso nevoeiro, em que muitos figurantes, no ardor do combate, se feriram autênticamente com as lanças, espadas, maças, bestas e virotões, isso talvez porque não estivessem, como os guerreiros antigos, suficientemente adestrados no uso defensivo dos escudos, contra os quais nem todos os montantes se quebraram...

Ainda, para provarmos que «A Tôrre de Londres» está muito longe de adulterar a verdade histórica, em prejuízo do espectáculo e do romance, folheemos, por exemplo, o nosso imparcial Pinheiro Chagas e vejamos como as palavras que êle, nas suas obras históricas, consagra a figuras e factos ressuscitados no filme que Vicente Alcântara, Ld.ª em breve apresentam em Portugal, coïncidem, com exactidão, com o excepcional filme que, dentro em pouco, vai obter, entre nós, a consagração merecida pelos espectáculos verdadeiramente grandes do Cinema.

Propositadamente, em linhas muito gerais e sem referirmos os pormenores espectaculares da super-produção gigante que se vai estrear no Pôrto, no Salão Jardim da Trindade, e em Lisboa, no Odéon e Palácio, resumimos, a seguir, uma fase do argumento, aproveitando para tal passagens biográficas do historiador português acima nomeado:

«O País (a Inglaterra) estava descontente, o rei (Henrique VI, no filme, interpretado por Miles Mander), caíra quási num estado de demência. Seu filho, Eduardo (Ian Hunter) fez-se proclamar rei, prendendo Henrique VI na Tôrre de Londres. A morte dêste fantasma de rei suspendeu momentâneamente a guerra das duas Rosas. Shakespeare aproveitou também, para um drama histórico, o reinado de Henrique VI.»

E' exactamente o que se vê no filme, em que o monarca demente, assassinado, após a batalha, pelo carrasco Mord (Boris Karloff) secretário de Ricardo, irmão mais novo de Eduardo.

Mas deixemos Pinheiro Chagas, por sua vez, confirmar o retrato de



A batalha de Tewkesbury 1471) evocada numa impressionante reconstituïção

A homenagem a RENOIR

(Continuação da página 3)

gastou com o filme mais de dois milhões — e ganhou mais de trinta.

O filme foi realizado nos locais mais apropriados, na Alsácia, numa caserna construída pelos alemãis durante a ocupação, que é um exemplo típico da arquitectura militar alemã. Porque Renoir entende que realizador, intérpretes e público precisam de respirar a atmosfera própria das cenas que se representam. Os próprios «interiores» foram construídos ao ar livre, para que o som não perdesse nenhum pormenor do ambiente que caracteriza os Vosges.

E a terminar, já depois de muito aplaudido, voltando atrás, Renoir teve êste saboroso oferecimento:

— Se algum dos presentes não perceber qualquer coisa da fita que vão ver, aproveite e venha ter comigo, que eu lho explicarei da melhor vontade.

A ACTUALIDADE DE «A GRANDE ILUSÃO»

A notabilíssima alocução de Renoir, dita com um à-vontade, uma simplicidade que a todos cativaram, seguiu-se um intervalo, em que o sr. Ministro de França felicitou Renoir e o Director de «Animatógrafo».

Foi êsse o único intervalo da festa. Porque «Animatógrafo», disposto a terminar com uma tradição pateta, que é o de interromper o melhor filme da noite com dez minutos de cigarrada e de má-língua, apresentou «A Grande Ilusão» do princípio até o fim, sem qualquer interrupção.

Todos os que assistiam à sua passagem, puderam verificar fàcilmente duas coisas: que qualquer obra de cinema ganha muito em ser exibida duma só vez. Tal como foi concebida e criada, e que «A Grande Ilusão», não só resiste incólume aos seus três anos de idade (três anos, em cinema, são três séculos...), como é duma «actualidade» extraordinária.

Actualidade técnica, antes de mais nada. Quando um filme se realiza com o cuidado, o escrúpulo, a consciência profissional, o amor à verdade e ao cinema, que Jean Renoir usou durante a realização dêste, pode desafiar impunemente o rodar frenético do tempo. Os processos usados por Renoir foram os mais simples, os mais sóbrios, os mais austeros.

«A Grande Ilusão» é um dos «casos» mais perfeitos de quanto pode o cinema, como provocador de emoções e como evocador de atmosferas, quando é pôsto ao serviço da verdadeira arte, sem mercantilismos fáceis nem intelectualismos pretenciosos. Aqueles franceses, aqueles alemães, todos soldados, todos êles possessos duma luta que os dominava mesmo quando a não compreendiam, são duma autenticidade impressionante.

O argumento e as personagens conseguem pôr o público diante dum dos panoramas humanos mais vastos e profundos que lhe têm sido oferecidos, tanto no cinema, como até na literatura. Aquele «Boildieu», aquele «Rischoffen», representantes duma nobreza autêntica que a guerra eliminou de vez da face da terra; aquele «Maréchal», símbolo das classes que triunfaram, e que nos conduziram a outra guerra pior, por ser ainda mais estúpida; «Rosenthal», o judeu, filho de banqueiros, generoso por vaidade, mas sensível; o jocoso actor de terceira ordem, que oculta sob a sua aparência de folião irresponsável um tesoiro de qualidades humanas; o professor que vive na lua, enfronhado numa inútil tradução de Píndaro; o marido enganado, cuja dôr sentimental domina banalmente a sua angústia de prisioneiro — todos formam uma galeria completíssima, verdadeiro mostruário de almas e de preconceitos.

E que maravilhosa interpretação!

Acima de todos — Stroheim, o inimitável Eric von Stroheim, que Renoir admira acima de todos os mais, como realizador e como actor.

Depois, ao mesmo nível um do outro, Jean Gabin e Pierre Fresnay, «Boieldieu» e «Maréchal», ideais, que provam mais uma vez a faculdade de Renoir em «acertar» as suas distribuições, dote essencial dum realizador.

A seguir, numa criação notável, Carette, o excelente Carette, em que se fundem a vulgaridade e a delicadeza, numa mistura imprevista. E todos, todos os mais, até o mais insignificante comparsa.

Momentos como o da «Marselhesa» cantada durante a representação, ou como a morte de «Boieldieu» não esquecem fàcilmente.

Esquecem tão pouco como a passagem de Jean Renoir por Lisboa, onde só deixa amigos, — e como não esquece a primeira festa de «Animatógrafo».

JOSEPHINE BAKER

(Continuação da 3.ª página)

a ver dançar em Lisboa?

— Creio bem que sim. Um empresário português ofereceu-me um contrato que me permite realizar um antigo desejo meu: trabalhar para o público português. Adoro coleccionar públicos. E sei que o vosso é particularmente carinhoso.

— Ainda bem! Verá como vai ser aplaudida. E tarda muito?

— Depende do contrato que me propuzeram por telegrama, e que aceitei. Vou trabalhar em França, terra dos meus amores!

— Não segue então para o Brasil?

— Não. Mudei de idéia. Vou trabalhar primeiro a Marselha. Só depois irei de novo para o Rio. E é na viagem para lá que aparecerei num dos teatros de Lisboa.

— Mas você já é quási uma lisboeta... Com esta, são já duas vezes que nos visita?

— Duas? Três vezes, se faz favor... Ora aí está uma coisa que «Animatógrafo» tinha obrigação de saber, e não sabia...

Ficámos tão vexados com o facto de sermos apanhados em flagrante delito de ignorância, que interrompemos logo ali a entrevista, e fugimos do Aviz.

BALTAZAR FERNANDES

Eduardo IV, encarnado no filme por Ian Hunter:

«Eduardo IV... derrotou, na batalha, o conde de Warwick (no filme e na opinião de outros historiadores, o Príncipe de Gales), que ali morreu, marchou sôbre Londres, lançou de novo Henrique VI num cárcere, onde não tardou a ser assassinado. O duque de Clarence, irmão de Eduardo (no filme, Vincent Price) mas que fôra cúmplice duma conspiração, foi também morto e Eduardo IV voltou a entregar-se ao seu gôsto pelos prazeres até que morreu quando se preparava para invadir a Escócia».

Mas teria sido Ricardo III, a figura tam espantosamente encarnada pelo talento extraordinário de Basil Rathbone, tam sanguinário e cruel como o filme, distribuído por Filmes Alcântara, no-lo mostra?

Eis a resposta, no artigo de um dicionário moderno, o Lelo: «RICARDO III, tragédia em 5 actos de Shakespeare (1593) admirável pintura da *ambição que arrasta o orgulhoso soberano às últimas violências*. E' nesta peça que se acha a famosa exclamação de Ricardo na batalha de Bosworth, quando se vê perdido: «Um cavalo! Um cavalo! O meu reino por um cavalo!»

Finalmente, outro historiador contemporâneo, — o francês Emile G. Leonard—confirma, em duas linhas de História, os tópicos principais do argumento da «Tôrre de Londres»:

«O feudalismo foi traído, na pessoa de Henrique VI, que a semi-loucura, herdada de seu avô Carlos VI, privara de tôda a autoridade. Mas a batalha de Tewkesbury, onde morreu seu filho, o Príncipe de Gales, e, depois, as represálias terríveis contra os principais lencastrinos e, a seguir, a morte, na prisão, de Henrique VI, provàvelmente executado, asseguraram o advento de Eduardo IV.

«Assás enérgico para fazer executar seu irmão Clarence, que conspirava contra êle (1478), êste usurpador só conheceu triunfos. Mas êle devia ser punido na família e pela própria família. Depois da sua morte (1483), seu outro irmão, o duque de Gloucester, fez assassinar os dois filhos do defunto, para subir ao trono sob o nome de Ricardo III. A derrota e a morte do assassino num combate que o defrontou com um príncipe gaulês (22 de Agosto de 1485) o conde de Richmond, Henrique Tudor —, puseram fim à guerra das Duas Rosas, com o comêço duma nova dinastia».

Assim termina também o gigantesco filme que, como fica provado com testemunhos insuspeitos, não é apenas o grande espectáculo de Cinema, que unânimemente todos aplaudiram. E' igualmente uma página de História, sangrenta, talvez, mas verdadeira.

E, quem abrir, a páginas 365, o primeiro tomo do «Grand Memento Encyclopedique Larousse», encontra aí um retrato de Ricardo III, em cujo olhar glacial, rosto magro, nariz adunco, há como que uma sugestão fisionómica dos traços expressivos do talentoso Basil Rathobone, seu intérprete no Rathbone, seu intérprete no grande filme «A Tôrre de Londres».

JOSÉ SENA

CARTAS DUM CINÉFILO

Querido Director:

Desta vez é que foi um sarilho. O meu pai, que é mais severo que a «Ninotchka» antes de ser seduzida, descobriu as minhas cartas e bateu-me e, não sei como arranjei isto, fui com o meu braço direito de encontro à bengala que êle por acaso tinha levantada, e magoei-me. Estou a escrever-lhe com a mão esquerda, portanto desculpe alguns erros que a carta tenha.

Fui ver a reposição da sua fita o «Feitiço do Império». Já a tinha apreciado uma vez mas para poder falar à minha vontade fui vê-la de novo. Como documentário da viagem do sr. Luiz de Campos à África aquilo está bom. Eu nunca imaginei é que a viagem daquêle senhor tivesse tanta importância para ser filmada. Mais uma vez tive ocasião de admirar as coisas boas que a gente tem em África, principalmente aquela ponte em S. Tomé, que tem quási 500 metros de fita de comprimento. Sim senhor, gostei muito e digo-lhe isto francamente. E não fui só eu a gostar, porque na fila da frente estava outra pessoa que também não gostou.

No último número do seu jornal o sr. Augusto Fraga preguntava pelo sr. Leitão de Barros, porque não sabia dêle. Quando falar com o sr. Fraga diga que eu o vi ontem e parece-me que vai fazer uma fita. Julgo eu que vai, porque não há mais nada para fazer, agora.

O sr. Jean Renoir vai fazer uma conferência a explicar como se faz um filme. Se fôsse aqui há uns anos, quando a indústria do cinema português estava muito atrazada, está bem, mas agora, já não é preciso. Pelo contrário, até lhe podíamos dar umas lições. Isso é bom lá para a terra dêle, em que o cinema ainda é uma grande ilusão. Agora, cá, bom cinema, é o pão nosso de cada dia.

E por hoje não o enfado mais.

Cinéfilo ao seu dispôr

Ignácio da Purificação

P. S.—O sr. fez muito mal em não me pedir a minha opinião sôbre as «Mulheres». No entanto ela aí vai e julgo que ao pé das outras opiniões o meu nome não fica nada mal. Devo dizer-lhe que em tôdas as opiniões encontrei coisas com que eu concordo. Eu julgo das mulheres um pouco de cada um do que os outros disseram. Portanto aí vai a minha opinião:

«E' preciso que a gente se entenda. «Mulheres» não é uma comédia de análise psicológica e talvez mesmo o cinema seja incompatível com a análise psicológica. E' de admitir que haja mulheres assim. Schopenhauer foi, na realidade, um pai de família, um marido exemplar. Homem e mulher tão complementares são um do outro que, no próprio Génesis não tardam dois versículos a juntar-se. Daí eu ter uma grande esperança no censo da população... Quanto mais aumentar a população mais aumentam as possibilidades. E como faz bem pensar à saída que há em Portugal tantas mulheres analfabetas e que têm mêdo dos maridos. As mulheres não são assim, são muito peores. «Il faut que la femme sache qu'elle ne peut rien faire (êste bocado é muito difícil de copiar) mais qu'elle peut tout faire faire faire».

Esta é a minha opinião para o jornal, mas eu devo dizer-lhe que sou solteiro, e se um dia casar, como não tenho muitas posses, tenho a opinião do meu pai: quero uma mulher que sirva para tudo, enfim, uma mulher para bater.

I. da P.

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece atenção especial.

**«ADEUS, VIENA» (Good-bye, Vienna) — Complemento com a «Orquestra Sinfónica de Filadélfia» pela qualidade da execução musical e cinematográfica.
Hans Dreif.**

«O FANTASMA CRIMINOSO» (Lisboa-Filme)
— A condução misteriosa do conflito, por DAVID SELMAN.

«O GRANDE EXITO» (Lisboa-Filme)
— As cenas dos incêndios, realizadas por EARL KEUTEN.

«O REGRESSO DE FRANK JAMES» (Fox)
— A simplicidade e o vigor da realização de FRITZ LANG.
— A interpretação de HENRY FONDA (Frank James) em todo o filme.
— A interpretação de HENRY HULL (o velho advogado) na cena do tribunal.
— A montagem das cenas da morte de Clem (JACKIE COOPER) e da procura de Bob Ford (JOHN CARRADINE) na cocheira.

«UMA MULHER INDOMAVEL» (Paramount)
— A correcção do trabalho de todos os artistas e, em especial, a interpretação de AKIM TAMIROFF.
— A beleza de PATRICIA MORRISON.
— A qualidade da fotografia colorida e da direcção artística de HANS DREIER.

«O GRANDE ÊXITO»

(«Grand exit»)

O género policial é, em cinema, um género de agrado certo. E' tema de especial predilecção do público, ainda que seja raras vezes renovado na sua urdidura. Então, os casos dos «G-Men» têm sido batidos e rebatidos. Mas a verdade é que, mesmo assim, encontram sempre agradável acolhimento popular.

«O grande êxito» serve de exemplo. O público recebeu com expressiva demonstração de aprêço essa aventura policial em que se aprecia a argúcia de um detective no esclarecimento de crimes cometidos em circunstâncias extraordinárias. E' um hábil «G-Men» em luta contra o autor de uma série de incêndios formidáveis provocados com o fim de arruinar uma poderosíssima companhia de seguros. E, por fim, descobre que se trata de um louco, falido, arruinado pela referida companhia.

Claro que a emoção e o interêsse do filme nasce da luta pertinaz e vigorosa que termina pelo triunfo completo da lei para bom nome da justiça norte-americana. Acrescente-se, todavia, que a realização é de bôa marca e todas as cenas são organizadas dentro daquele nível habitual da produção corrente saída dos estúdios de Hollywood. Earl Kenton tem, todavia, alguns momentos mais salientes nas imagens dos incêndios.

Edmund Lowe e Ann Sothern são dois excelentes artistas. Não admira, portanto, que elevem o plano do desempenho nas figuras principais. — A. F.

«O FANTASMA CRIMINOSO»

(«Killer at large»)

«O fantasma criminoso» é uma história estranha de polícias, criminosos e fantasmas. O fantasma é um original manequim que serve de cúmplice ao autor de um delito, em circunstâncias misteriosas, e que uma jóvem consegue pôr a limpo depois de complicadíssimas e movimentadas peripécias.

Esquecidos os convencionalismos, em que tal género de filmes é pródigo, a fita oferece muitos elementos de incontestável agrado e que vão desde o ambiente sombrio até à completa galeria de figuras suspeitas. E já agora diga-se com justiça que David Selman teve arte no mistério que pôs na condução do conflito, mantendo o público em permanente espectativa.

O desempenho traz-nos uma actriz que vem dos bons tempos do mudo: Mary Bryan. Lembram-se dela? Pois, aqui, faz o papel de uma mulher «detective» que, apesar do êxito da sua aventura policial, prefere o ambiente mórno e tranquilo do lar. — A. F.

«UMA MULHER INDOMAVEL»

(«Untamed»)

A adaptação da obra de Sinclair Lewis, «Mantrap», que foi pela primeira vez feita para tela com uma interpretação de Clara Bow, deu agora à Paramount base para novo filme.

Desta feita Clara Bow foi substituída por Patricia Morison, rapariga de extraordinária beleza, beleza capaz de fazer tanto furor como a de Clara Bow no seu tempo. E' um nome que o público cinematográfico vai decorar rápidamente. Bonita e com muita personalidade é multíssimo elegante e possue o talento preciso para dar a êste papel de «Uma Mulher Indomável» que não é isento de espinhos uma interpretação sempre muito correcta e sempre com a melhor naturalidade da escola americana.

A' volta de Patricia Morison há um conjunto de intérpretes notáveis e só é difícil apontá-los separadamente. Todo o elenco, na verdade, se apresenta com invulgar harmonia dos primeiros actores aos papeis mais secundários — sobretudo quando estes são «tipos» da aldeia. Justo é, no entanto, que façamos uma referência especial à grande interpretação da fita: Akim Tamiroff.

Dentro da melhor sobriedade de processos êle consegue transmitir às suas personagens um vigor e uma simpatia que o coloca ao lado de todos os grandes actores.

Justo é, também, que se fale em Ray Miland pela maneira muito correcta como desempenha o seu papel.

A novela está contada em bom estilo com momentos de grande emoção, alguns conseguidos com exemplar simplicidade: um só plano, quando a mala do remédio se perde na neve, prende o público; um só plano — sob todos os aspectos invulgares — resolve a situação da morte de Joe, salvando pela violência do efeito, uma situação que fácilmente cairia no banal.

A fotografia, em tecnicolor, toda de grande categoria. A beleza serena e grandiosa das montanhas, iluminação, enquadramentos, tudo é bom. Para o êxito da fotografia concorre, numa mutua influência, o arranjo cheio de categoria dos cenários. Hans Dreier — art. director — desta fita produziu trabalho esmerado, à altura do nível de afinação, de arranjo que se sente em todo o filme. A aldeia é um formosíssimo cenário exterior. E todos os interiores estão carregados duma grande verdade ambiente com um sábio doseamento da côr em todos os pormenores. Sente-se o cuidado — é evidente — mas já se está bem longe do tempo das exibições coloridas a propósito de tudo e de nada.

George Archainbaud, que realizou Uma Mulher Indomável», deve ter nesta obra o melhor trabalho da sua carreira e é um trabalho que qualquer assinaria sem desprimor.

Exibiu-se com «Uma Mulher Indomável» um novo complemento musical. Orquestra Sinfónica de Filadélfia a executar «Good bye, Vienna». E' em tudo digno do complemento da mesma série a que aqui fizemos referência a semana passada, embora a interpretação própriamente musical seja mais vulgar — talvez pela maior facilidade do texto.

«O REGRESSO DE FRANK JAMES»

(«The Return of Frank James»)

E' verdadeiramente surpreendente, a facilidade com que Fritz Lang se adaptou à técnica americana. E' que nenhum mais do que êle parecerla avesso, dada a sua fulminante personalidade e as suas «proezas» na Ufa, em que uma auréola de intransigência e exigência o coroou durante muitos anos, à industrialização imposta pelos métodos de Além-Atlântico. Nós próprios, que já nos tempos da primeira série de «Animatógrafo» aspirávamos a vê-lo trabalhar nos Estados Unidos, para ver até que ponto poderia ir realizador de tal envergadura, desde que tivesse ao seu serviço a utilhagem perfeita de Hollywood, nós próprios nos surpreendemos.

Mas diga-se desde já que essa surpresa não se manifesta para esconder qualquer decepção. Pelo contrário: se algum defeito poderia apontar-se ao realizador de «Matou!» era o seu excessivo intelectualismo, moldado em convenções «sui-generis», originalíssimas, perfeitamente compatíveis com a essência da cinematografia, mas que davam aos seus filmes um ar talvez excessivamente «fabricado».

Pois, desde que em 1935, Fritz Lang trocou a Europa pelo Novo Continente, o mestre alemão progride em simplicidade, de filme para filme.

Se «Fúria» e «Só vivemos uma vez» eram já bem diferentes das complicadas e aparatosas realizações de Berlim, de que «Metrópolis» e «A Mulher na Lua» são os dois exemplos mais típicos (embora não sejam os seus melhores filmes), «O Regresso de Frank James» tem a «pureza» duma «western», dum filme de King Vidor ou de John Ford.

«O Regresso de Frank James» continua êsse outro filme baseado na vida aventurosa dos dois irmãos James, tornados bandoleiros por espírito de justiça, que se chamava «A Justiça de Jesse James». Mas, desta vez, não se pretendeu parasitar um êxito, mas sim completar uma história que todos os americanos sabem de cór.

Mais que o primeiro, o segundo «James» evoca uma época interessantíssima e extraordinàriamente fotogénica. E, como no primeiro, o Technicolor completa a justeza da evocação.

Ora Fritz Lang veio da pintura para o cinema. Não é pois de admirar que as primeiras imagens coloridas que apresenta tinham um interêsse pictural que gostariamos de analizar demoradamente se os moldes desta secção o permitissem.

Notemos a total americanização de Fritz Lang, sem comentários, porque a nossa sempre patente admiração pelo cinema da América permite tirar, por si, a conclusão. Mas prevalece, nítida, a sua marca, na escolha dos ambientes, no modo de iluminar e de filmar, no arrumo dos adereços, na paixão pelos alçapões e pelos telhados.

Cenas como as que citamos no quadro de honra, servidas por intérpretes daqueles (estou em dizer que Henry Fonda é, hoje, o maior de todos!), dão ao filme um vigor e um interêsse cinematográfico excepcional. A morte do primeiro irmão Ford, no alto das montanhas, entre penhascos lívidos, é impressionante. A morte do segundo é precedida duma das cenas mais bem «montadas» que podem ver-se.

Jackie Cooper, Henry Hull, o mefistofélico John Corradine e o rotundo Bromberg enquadram uma nova revelação: Gene Tirney.

São raras as ingénuas, no cinema. Gene Tirney é uma ingénua autêntica, vinda da Broadway e que deve fazer carreira. Pertence ao «tipo» Sylvia Sidney (que parece ser muito da predilecção, na tela e na vida, do nosso Fritz...) e representa com um arzinho petulante que entusiasmou a América e a nós nos impressionou bem, apesar da escassês do seu papel não permitir juizos definitivos. — A. L. R.

JOE PASTERNAK

o mago da UNIVERSAL descobridor de estrêlas



GLORIA JEAN

a última descoberta do homem que descobriu Deanna Durbin

Na admiração do cinéfilo, pelas suas artistas mais queridas, existe certa percentagem de reconhecimento, sem dúvida lógica, visto que a estrêla, é, em geral, um amigo estimável, a quem devemos um favor de valia: a diversão.

Mas, nessa gratidão entusiástica, há, talvez, ao mesmo tempo, uma injustiça porque se esquece outras personalidades que tornaram possível a existência da vedeta apreciada. Quantas vezes, por detrás do triunfo de uma estrêla, estão, modestamente ignorados, os verdadeiros responsáveis pelo seu êxito: o encenador do filme e o respectivo produtor!

«Longe da vista, longe do coração» nunca foi tão verdadeiro como no caso presente.

O Cinema, no seu constante desenvolvimento, tem sido, aos olhos do público, como que uma chapa fotográfica, imersa no banho de revelagem, e da qual, a pouco e pouco, se vão divisando as imagens, desde os planos mais nítidos até os pormenores mais afastados.

Nos tempos heróicos, em que o valor das fitas só se media pelo seu número de «actos» e pela quantidade de metros de que se compunham, nem sequer interessava saber quem era os intérpretes.

Com a insistência nas criações de Francesca Bertini, Psilander, Max Linder, Prince, Robinne, Charlie Chaplin, o público dos animatógrafos foi, gradualmente, decorando o nome dos artistas e começando a estimá-los. O reinado da «estrêla» começara.

A existência do encenador era, contudo, insuspeita, por essa altura. Foi preciso que aparecessem as revistas de Cinema a educar o gôsto dos espectadores, a desvendarem-lhe a infrastrutura do filme, para que descobrissem que, por detrás da tela, estava o homem que mexia os cordelinhos dos títeres: o director ou encenador (chamem-lhe qualquer das coisas de preferência a «realizador» — má tradução portuguesa de um termo de sentido algo diverso porque a realização é um trabalho de conjunto em que tanto entra o director como o intérprete, o operador como o argumentista).

Vogando pelos mares, pouco navegados, nessa altura, do celulóide, o nauta-cinéfilo começou então enxergando novas paragens e decorando, com respeito, nomes de «chefes» ilustres: Fritz Lang, Murnau, Dupont, Abel Gance, etc.

E os cromos continuaram rodando, e o filme cintilando, como correia sem fim, no cristal das objectivas. Foi então que o cinéfilo começou conhecendo que, ainda mais alto do que o director, existia outra entidade de maior poderio: Aquele a quem os capitalistas nomearam seu homem de confiança, seu administrador e orientador técnico: o produtor.

Autoridade máxima, é êle que escolhe os assuntos a filmar, nomeia os encenadores, aprova cenários e guarda-roupa, fixa o custo da produção, selecciona os intérpretes. Simultâneamente com tal tarefa, põe em acção todo o potencial da sua inteligência, cultura e prática, para bem dos lucros da firma perante a qual assumiu esmagadora responsabilidade, e, naturalmente, quanto mais profícua e compensadora fôr tal acção, maior é a sua categoria e vantagem pessoal.

E' o caso de Joe Pasternack, o produtor sem dúvida mais hábil, dirigindo hoje o trabalho técnico duma firma cinematográfica.

O valor da sua influência cifra-se no facto de a Universal, companhia das mais antigas e laboriosas da Cinelândia, instalada não longe de Hollywood numa cidade própria que tem o seu nome, ter, com o rodar dos anos, declinado do seu esplendor dos tempos em que lançou Lon Chaney, com «Nossa Senhora de Paris», «Fantasma da Ópera» e outros êxitos mundiais, para um período inglório de películas baratas e de fitas de «cow-boys». Era a ruína. A Universal crivada de dívidas, estava à beira da falência. Os seus agentes viajavam em terceira classe e hospedavam-se envergonhadamente em pensões baratas.

Foi então que um grupo de capitalistas e alguns jovens atrevidos compraram ao desbarato, a firma. Dois rapazes húngaros assumiram a direcção técnica da nova sociedade. Um era Joe Pasternack, produtor. Outro, Henry Koster, director de vários filmes europeus.

Foi então que Joe Pasternack atirou ao mundo a revelação mais espantosa do Cinema: uma garota que êle descobriu: Deanna Durbin.

A Nova Universal pagou as dívidas da firma antiga. Público e exibidores restituíu-lhes a confiança. Os lucros começaram subindo como maré em preamar. Os agentes passaram a transportar-se em «Pullmans» e a dormir em «palaces». Naturalmente que a restauração levou dois ou três anos, antes de atingir o nível hoje alcançado, mas que não é ainda o termo, visto a coluna barométrica do êxito continuar sempre subindo. No momento mais feliz do triunfo, e com o pé em novos degraus para subir, ainda a mais altos triunfos, a existência da Nova Universal fica, para gaudio dos cinéfilos nacionais, assegurada por «Filmes Alcântara», seus distribuidores.

O activo Joe Pasternack e avisado homem de negócios, que naturalmente não podia estabilizar a sua Deanna Durbin nos papéis de menina, transportou-a gradualmente, de filme para filme, em criações paralelas com o seu desenvolvimento físico.

«As Três Raparigas Cresceram» foi o primeiro contacto dela com um homem, embora sem ideas amorosas. «Primeiro Amor de Gata Borralheira» constituíu o seu primeiro idílio sério, o seu primeiro beijo, o casamento feliz.

Deanna Durbin, já uma senhora, é a vedeta querida pelos fiéis das suas anteriores fitas de menina, aumentados com os que crescentemente recruta de obra para obra.

Mas Joe Pasternack sentiu que o público queria uma garota como a Deanna dos primeiros tempos. E, em circunstâncias que noutra ocasião relataremos, descobriu uma menina de onze anos, alma de artista, exuberante de gentileza a personalidade, precoce cantora de sólida e desenvolvida educação musical. Tal é Gloria Jean, a nova Deanna infantil, a nova descoberta de Pasternack.

A sua fita de estreia «The Under Pup» foi um acontecimento absoluto. Portugal vai vê-la dentro em breve sob o título de «Traquina Querida» e, ao mesmo tempo, vai assim ter ensejo de tributar o reconhecimento devido àquele que já lhe trouxera um primeiro presente inestimável — Deanna Durbin — e que, agora o brinda com segunda dádiva preciosa — Glória Jean.

E é a êsse joalheiro de génio, o produtor Joe Pasternack, astrónomo cinematográfico descobridor de estrêlas, que os cinéfilos devem agradecer as gemas rutilantes e lindas com que esmalta o escrínio de prata da tela branca.

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR



Há três anos que Pasternak e Deanna, a quem êle chama «Deena» trabalham juntos — e com que resultados! E Hollywood pregunta anida se foi Deanna quem descobriu Pasternak ou Pasternak quem descobriu Deanna...

O Correio de Bel-Tenebroso

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA.

EXILADO DO MONDEGO. — Compreendes, amigo?! As cartas são tantas, que as respostas demoram um bocadinho. Mas não desanimem, por favor. O Director de *Animatógrafo* meteu-me em brios e eu não faço outra coisa que não seja responder-vos. Esta noite até sonhei que a minha secretária era bombardeada com cartas de 500 quilos, o que me obrigou a esconder na gaveta do rés-do-chão, logo que ouvi o sinal de alarme. Freund explicar-te-ia isto da seguinte maneira: as minhas duas preocupações dominantes são a guerra e a vossa correspondência. Não é pois de estranhar que elas se mesclassem intimamente, durante o sono!... — Por ora, as leitoras que te interessam, ainda me não comunicaram se estão ou não dispostas a aceder ao teu pedido de correspondência. — Quanto às respostas, *(e isto é para todos vós, raparigas e rapazes que me escrevem)* tenham fé e não desanimem!...

JARV, O ESTRANGULADOR. — Viva, amigo! Se não soubesse quem eras, velho conhecimento do *Cine-Jornal*, ter-me-ia assustado com o teu pseudónimo! — Lamento o precalço que tiveste nos estudos. O primeiro, dizes! Mas lembra-te que no melhor pano cai nódoa e que estas se limpam sempre. Tirarás a desforra êste ano! — Não tenho idea de nenhum filme de Frederich March, com o título de *Quando a mulher se opõe*. Será um título brasileiro? Desconheço também o filme a que te referes *Homens de Aço em Long-Kong*. Não estará no mesmo caso? Idem, idem, quanto a *Dupla Vitória*. Espero que me elucides sôbre estes pontos.

DOIDO COM JUIZO. — Gostei muito de tornar a encontrar-te! De facto, como disfarçastes a letra, de início não te identifiquei à primeira. Mas logo que vi a assinatura, percebi de quem se tratava. Venha lá, pois, êsse abraço. — Deves ter, pelo que me contas, um precioso album de autógrafos. — Espero agora, regularmente, as tuas notícias.

CONDE MISTERIOSO. — Quem te disse que eu me não lembro de tão nobre consulente? A propósito, apetece-me preguntar-te, como a Ann Gillis ao Tomy Kelly, nas *Aventuras do Tom Sawyer*: «How could you be so noble?» — Obrigado pelas felicitações! Vv. envaidecem-me! — Quanto a «Black Daisy» suponho que ela seja tão portuguesa como eu... Mas não te posso informar duma maneira positiva: E, como se não trata duma vedeta cinematográfica, talvez me perdões a imprecisão da resposta...

DERAM-LHE UMA ESPINGARDA. — Depois de me ter munido duma lupa, consegui decifrar o teu postal! — Gostei muito de «Women». E continuo a gostar, ainda!... Crítica impiedosa?! Talvez. Ainda bem que foi uma mulher que se encarregou de fazer a crónica, quando não diriam que era uma crítica parcial! Claro que nem tôdas são assim... E se muitas são assim, a culpa é nossa. Nós é que somos o verdadeiro sexo fraco. Temos um «fraco» por elas... Mas deixa-me dizer-te: se há patetinhas como o Stephen, outros conheço, que, quando ouvem as Crawfords ao telefone, fingem acreditar nos protestos de amor e sabem perfeitamente que elas lhes estão a mentir. «O engano de alma ledo e cego» no capítulo sentimental tem seus encantos. A Verdade?! Uma mulher nua *(vide estátua do Eça!)* vestida de tule, com um diafano manto de Schiapparelli, intitulado «Phantasia»... Mas diz-me cá: elas não andam tôdas vestidas?! .. E às vezes têm tanto a consciência de que montem, que se embrulham em casacos de peles... — Transmito as tuas saüdações a *Faranecas Ltd., Maria do Rosário, Maria Isabel, Ninon* e, em especial, a *Saüdade*. E bem assim aos leitores, *Arsène Lupin, Raffles* e *Bob Taylor*.

BEL, O PIRATA. — Podes solicitar fotos das vedetas de *Pôrto de Abrigo*. Escreves-lhes, por intermédio da nossa revista. — *Escândalo na sociedade* é, na realidade, um filme curioso. Muito americano?! Sim, mas é natural que assim seja. O próprio tema era 100 % *yankee*. Princeza apaixonada por pastores, (mesmo que a corôa seja apenas feita de dólares e os pastores, em lugar de tangerem frautas montem a cavalo e joguem o laço com dextreza) amores, assim, deixa-me dizer-te, só na América, que é a Pátria do Impossível!

DOUGLAS FORSTER. — Para se ser intérprete dum filme nacional, em primeiro lugar é preciso que haja uma produção em curso... Depois, que procures o realizador ou o encarregado de formar o «cast» e lhe dês conta dos teus desejos. Finalmente, é mister que reúnas o mínimo de qualidades essenciais, para tanto. Faze pois um exame de consciência e apresenta-te na altura própria.

DONANFER. — Não me parece que a aula de Biologia seja o local mais indicado para me escreveres. Mas já que assim fizeste, adiante... — Acredito na tua paixão pela Deanna Durbin. Se não acreditasse nela, tinha que descrer também, com mais razão, das paixões que a Gioconda tem inspirado. Se queres um bom conselho, não fiques triste por ela se casar... O amor é feito de renúncia... E porque não hás-de tu regosijar-te, por a ver feliz... *(Não se pode dizer que eu hoje não esteja romântico!)* Não creias que ela abandone o «écran» pelo facto que te desgosta. Isso sim! A Deanna pertence já ao património cinematográfico do nosso século... — Êste leitor desejava possuir a letra das canções que o seu «ingrato» ídolo cantava na *Idade das Ilusões*. Como estás tão triste, é natural que alguma leitora de coração sensível se apiede de ti, e te envie os versos que queres. Nos momentos de desalento, em lugar de deixares correr as lágrimas, cantarás o «My own», com soluços na garganta... E se esta hipótese não fôr bem recebida pela vizinhança, tens pelo menos a consolar-te o facto de constituir uma lição de gimnástica para as tuas cordas vocais...

I LOVE SHIRLEY TEMPLE. — Se os factos são na sua essência como os relatas (e digo-te isto, porque, às vezes, as aparências iludem) não está certo de facto, que um cinema de Coimbra venda mais bilhetes do que a lotação, o que aliás é proibido por lei. Espero que me informes se o caso se tornar a repetir.

DINHAMA. — Por mais que revolvas céu e terra, nunca mais descobrirás quem é Bel-Tenebroso, senhor do invisível! — Às preguntas que dizem respeito à minha pessoa, não te posso responder. Tem paciência, e não fiques triste! — Essa invasão que me anuncias não me assusta, mesmo que entrassem na Redacção de *Animatógrafo*, inopinadamente, não conseguiriam descobrir quem é Bel-*Tenebroso*. Conheço a teoria do «ectoplasma» que fazia com que a Constance Bennett pudesse tornar-se invisível, no *Topper*. E aplico-a, nos momentos críticos.

TRISTE! — Palavra de honra?! E se calhar sem motivo!... — Pelo que me dizes, também queres entrar num filme! Como é possível? Lê a resposta que dou a *Douglas Forster*. O caso é o mesmo. — Tomei nota dos artistas cujas fotos desejas ver em separata. — Espero que o teu próximo pseudónimo seja a antitese do de hoje.

FARANECAS LTD. — Vamos lá, então, a esclarecer essas dúvidas! — O actor a que te referes era Louis Hayawaro, que vimos no *Duque de West Point*. Também gostei de *Meu filho e meu rival*. — *Pão Nosso* deixou, de facto, muito a desejar. Não lhe batamos mais... — As vezes os títulos dos filmes e os assuntos que nêles se desenvolvem andam em completa disparidade. O de *Acuso minha mulher* era um dêles. De facto, *Defendo minha mulher* estava mais indicado. Mas com as pessoas, o mesmo sucede: em regra o sr. Leão é manso como um cordeiro; o sr. Alegria pode ser duma tristeza fúnebre; e o sr. Salvador, por via de regra, se cair à água, morre afogado. Mas, no cinema, às vezes, procura-se um título que seja *exciting*. Daí, o desacôrdo... E *Acuso minha mulher* tem inegàvelmente mais «comph» do que se se limitasse a informar-nos de que a consorte seria defendida pelo marido, que é o natural e o corrente — portanto, o insípido e o monótono...

REY... SEM TRONO. — *Bigamia* é, na realidade, um filme curioso e... saboroso! Considero a ideia do sorteio da mulher, de facto, original, e não há dúvida de que constitue um dos bons momentos do filme. Aí está uma cêna *exciting*... Mas para mim, não servia o processo. Tenho um enorme azar com as rifas... — Escreve, por intermédio de *Animatógrafo* para Maria da Graça. Entregar-lhe-emos a carta. — Greta Garbo é, de facto, uma artista de génio. Tôda a seqüência da bebedeira em *Ninitchka* é magistralmente representada! E o diálogo com Melvyn Douglas, quando ela, já humanizada, lhe confessa o seu enleamento e o seu pudor em ter abdicado das fórmulas rígidas da moral soviética e lhe pede que nunca tenha, no seu escritório, um retrato seu, pois teme que êle o meta na gaveta, e a deixe morrer asfixiada, é outro grande momento do filme, aliás notável, a cada passo! Greta Garbo é, fora de dúvida, das maiores, senão a maior intérprete do cinema! — Transmiti a *Deram-lhe uma espingarda* os teus cumprimentos efusivos.

EL ESTUDIANTE. — Muito interessante o que me contas, com respeito à revistasinha que «fabricavas», com 10 exemplares de tiragem, para suprir a falta de publicações cinematográficas. Gostaria de ver um número. Não és capaz de me mandar um exemplar que seja, ainda que eu tenha de devolvê-lo?! — Para trocares correspondência com leitores ou leitoras, deverás enviar-me o teu nome, pseudónimo e morada. Enviarás as cartas que eu tiver que transmitir, devidamente estampilhadas, e trazendo como única menção, no envelope, a lápis, o nome ou pseudónimo da destinatária. Para porêm te carteares com leitores desta secção deves saber, por meu intermédio se êles querem ou não trocar correspondência contigo. — A «Página dos Novos», vem de encontro aos teus desejos de colaborar no *Animatógrafo*. Escreve, pois, os artigos que entenderes e envia-os directamente ao Director da nossa revista. — Êste leitor deseja corresponder-se com as leitoras que a tanto estejam dispostas.

MARIA PAPOILA. — Não acredito que esteja à espera de que eu lhe escreva, para ter o prazer de reler uma carta sua! Mas se assim fôr, saiba de que estou esperando as suas notícias, e que lhe não perdôo se me não escrever depressa! Combinado?

LUIS XV. — *Saudade* é de facto uma simpatiquíssima consulente, e tem uma linda letra. Não lhe digas isto porque ela pode envaidecer-se! — Se gostei das *Mulheres?* Mas que pregunta a tua. «Adorei», como diria a Rosalind Russell. E já aconselhei várias raparigas a adoptarem o «Vermelho da Selva», para cravarem as unhas nas Crawfords, que lhes roubam os maridos... Tu não estás de acôrdo comigo?! Os homens em regra são uns anjos... Casados ou solteiros, teriam um juizo imenso, se não fôssem elas... — Não me fales na Paulette. Por sua causa, apanhei, uma dose de frio no Cabo Ruivo! E afinal, nada!... — A Rosalind pode ser que exagere um poucochinho. Mas a Sylvia Fowler fica na galeria das suas interpretações cinematográficas. Que actriz admirável! Que diferença que vai para a intérprete da *Cidadela* ou do *Poder das Trevas*. — Dizes-me que trocas uma foto de Lamour (18 por 24) por outra do mesmo formato de Eleanor Powell ou de Judy Garland. Haverá alguém que se queira habilitar? — Êste leitor também troca uma foto de Florence George, por outra de Crawford. — Bravo, pelos dois novos leitores de *Animatógrafo*, que passaram a comprar a revista por tua indicação.

UM LOUCO SONHADOR. — Peço-te, em primeiro lugar, um favor: não me trates por V. Ex.ª. E sabes porquê? Tenho a sensação de que te não diriges à minha pessoa. Trata-me por tu. Eu não pertenço à Academia... — Kiepura e Martha Eggerth até há pouco estavam no Brasil. — O melhor filme de Greta Garbo? Para meu gôsto, *Ninotchka*. — Rosalind Russell nasceu a 4 de Junho de 1908. — E fico esperando a tua próxima carta.

CONDE AXEL DE FERSEN DA SUECIA. — Pelo que me contas *Animatógrafo* agradou-te 100 por cento! Ainda bem! Transmiti ao Director da revista os teus bons votos de longa vida e prosperidades. — 135 mulheres num filme só, de facto, é um «récord» Não chega a ser uma indigestão. Não estou de acôrdo contigo na preferência que dás ao trabalho de Rosalind sôbre o da Norma. Olha que o desta, era estupendo! — Já deves saber a estas horas que poderás solicitar uma foto de Maria da Graça, por intermédio de *Animatógrafo*. — A «minha» *(és tu que o dizes...)* Dorothy Lamour nasceu a 10 de Dezembro de 1914. Isto é: faz amanhã vinte e seis anos! Estou a vê-la! Logo que os primeiros raios de sol doirarem o seu quarto, esfregar os olhos surpreendida ao deparar com uma «corbeille» maravilhosa, com flores enviadas, por avião, da Ilha da Madeira, e os dizeres que valem um mundo: «To Dorothy from Bel-Tenebroso». — Suponho que Jorge Brum do Canto espera, logo que tenha uma oportunidade, confiar um papel á Linda Miranda. Nada mais te posso informar sôbre o assunto. — «De homem para homem» te digo que não te vale a pena ver o filme de que falas...

I LOVE SHIRLEY TEMPLE. — As fotos que enviaste causaram-me muito boa impressão. Entreguei a tua carta ao Director de *Animatógrafo*, que me disse tencionar responder-te pessoalmente. Que mais queres?!... Parece-me que andas com sorte...

RAPAZ DE ALPIARCA. — Maria da Graça tem 17 anos, Maria Domingas, 18 e Madalena Sotto, 22. — Êste leitor desejava corresponder-se com leitores e leitoras da Chamusca e Almeirim.

Bel-Tenebroso

SENHA DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo» os retratos seguintes:

Actriz:..

ÊLES & ELAS



JEAN GABIN

Jean Alexis Moncorgé fugia à banalidade da regra geral quando, podendo por circunstâncias muito especiais tentar o teatro, recusou terminantemente subir à ribalta e debitar ao respectivo público réplicas pomposas e farfalhudas. As circunstâncias especiais a que se acaba de fazer referência eram, nem mais nem menos que os sérios desejos de seu pai — actor de invejável popularidade dos teatros de Paris — de o ver pertencer, tal como êle, à gente de teatro. Tão grande era a sua aversão por tudo o que se ligasse com o palco que Jean Alexis, aliás Gabin, fugiu de casa... para não entrar no teatro!

Um ano, qual filho pródigo, andou à aventura, fora do lar paternal. Foi «boxeur» e mecânico de automóveis, jogador de foot-ball e marinheiro...

Certo dia, porém, a saüdade e a vida calma puderam mais que a sua sêde de aventura. Voltou. Perdoaram-lhe. Mas o pai era teimoso e não esquecera ainda aquilo que fôra a sua aspiração suprema: ver o nome do filho suceder-se ao seu, nos cartazes de Paris. Jean Gabin enterneceu-se pela perseverança de seu pai. E um dia foi apresentado a Fréjol, director, então, das Folies Bergère. Bach, o grande cómico, velho amigo de Montcorgé, foi aí mais que um amigo — foi um mestre. As Folies dão lugar aos Boufes Parisiens, onde Gabin aparece em «La Dame en Decolleté» de Maurice Yvain. E depois, durante muitos meses, em «Trois Jeunes Filles Nues», o célebre vaudeville de Raoul Moretti, de cuja distribuïção — quanto pode o destino! — seu pai fazia também parte.

Uma «tournée» à América do Sul oferece-lhe novos horizontes e traz-lhe novos êxitos. É justamente à volta, que o cinema aparece na vida de Jean Gabin. «La Belle Marinière» é o primeiro filme daquele que viria a ser, doze anos depois, o mais célebre galã e o mais disputado dos actores do cinema de França. A seguir, Marc Allegret, no início da sua carreira de realizador, ofereceu-lhe o primeiro papel masculino, ao lado de Josephine Baker, em «Zouzou», que o Condes exibiu há anos entre nós. Seguem-se «Les Gaités de l'Escadron» e «A Estrêla de Valencia». Depois foi Poncio Pilatos em «Golgotha», o agricultor canadiano de «Maria Chapdelaine» e o legionário de «La Bandera», três obras de Julien Duvivier.

«Variedades», de Farkas, «La Belle Équipe», «A Fera Humana», «Le Jour se Lève», são alguns outros filmes seus.

Vimo-lo há pouco em «Passou uma Mulher», ao lado de Mireille Ballin, que a Lisboa Filme estreou no Condes. Vamos vê-lo, apresentado pela mesma casa distribuidora, em «Longe do Mundo», com Michèle Morgan.

Jean Gabin prefere a vida simples e rude do campo, à existência tumultuosa e complicada da cidade. Antes da guerra, sempre que os seus afazeres cinematográficos lho permitiam, acolhia-se com sua mulher, Dorianne, à sua propriedade nos arredores de Paris, e aí se dedicava à agricultura e à caça, as suas distracções favoritas.

Ninguém o diria, ao vê-lo em «Derrière la Façade» ou na «Fera Humana», de Jean Renoir, no «Quai des Brumes», de Marcel Carné, incarnando assassinos perigosos, tarados, desertores, que Gabin é, afinal de contas, um excelente rapaz. E, no entanto, tal é a sua superstição pelos papéis do seu género habitual, que chegou a recusar todos os argumentos em que não houvesse qualquer cena violenta...

Tal é a história de Jean Gabin, o homem que recebia um milhão de francos por cada filme em que aparecia»...

JAIME DE CASTRO



Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



ANDREA LEEDS E JOEL McCREA são os protagonistas de «Mocidade em fuga», uma deliciosa aventura de amor que Filmes Alcântara vai apresentar

ÊSTE NÚMERO CONTÉM 2 RETRATOS-BRINDE: JOAN CRAWORD E JAMES STEWART!